

MAURO SILVEIRA MAULE

**EDUCAÇÃO FÍSICA: A FORMAÇÃO ACADÊMICA, O MUNDO DA
VIDA E AS EXIGÊNCIAS DO TEMPO-PRESENTE**

**Monografia de graduação apresentada
ao Departamento de Educação Física –
Centro de Desportos da Universidade
Federal de Santa Catarina, para
obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.**

Orientador: prof. Carlos Luiz Cardoso

Florianópolis, fevereiro de 2003.

TERMO DE APROVAÇÃO

MAURO SILVEIRA MAULE

MONOGRAFIA APROVADA POR TODOS OS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA, FOI ACEITA PELO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO REQUISITO PARCIAL DA DISCIPLINA SEMINÁRIO DE MONOGRAFIA, ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM ESPORTES, PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso
Centro de Desportos – UFSC

Titular: Prof. Dr. Giovane de Lorenzi Pires
Centro de Desportos – UFSC

Titular: Prof. Ms. Iara Regina Damiani
Centro de Desportos – UFSC

Suplente: Prof. Dr. Edgard Mattiello Júnior
Centro de Desportos – UFSC

Florianópolis, fevereiro de 2003.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha família, especialmente ao meu Pai, minha Mãe, meu Irmão e minha Vó, os grandes amores da minha vida...

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer a Deus, pelas oportunidades que me foram dadas, principalmente pela de conhecer tantas pessoas tão especiais.

Posteriormente gostaria de agradecer a minha mãe, Marila, que sempre acreditou em mim e me deu todo o apoio possível, até mesmo em certos momentos, deixando as suas necessidades de lado para que eu pudesse ter uma vida melhor.

Queria também agradecer ao meu pai, Mauro, pessoa de extrema honestidade, que assim como minha mãe sempre esteve ao meu lado, e por muitas vezes deixando seus interesses de lado para que eu pudesse ter uma vida sem preocupações.

Também não poderia esquecer do meu irmão, Lucas, que soube superar a minha ausência, nestes últimos 4 anos, talvez no momento mais importante sua vida, pessoa por quem tenho extrema admiração e que tenho certeza terá um futuro brilhante.

É claro, não poderia esquecer dos meus avós, Vô Lívio, Vô Cecília e Vô Pedro, pessoas com quem aprendi muito e que tenho certeza estão torcendo por mim aonde quer que estejam. E também minha Vô Lila, pessoas de extrema simplicidade e sabedoria, por que tenho enorme admiração.

Quero também, agradecer as minhas tias e tios, principalmente, a Tia Maura e Tia Elvira, que sempre estiveram presentes nos momentos mais difíceis da minha vida, e o Tio Edvaldo e o Tio Clau, pessoas que tiveram participação muito importante na minha vida.

Também não poderia esquecer dos meus primos e primas que são muitos, mas, principalmente o Gui, o Gú, o Jú, e o Vã, que além de primos, são os meus companheiros de infância, que juntos temos muitas recordações. Também não

poderia esquecer da Laura e da Dani, que também estiveram presente em alguns momentos de dificuldade.

Ao pessoal do Centro Ramatiz, que por duas vezes me deram muita esperança e alegria.

Queria também agradecer "meus" médicos, o Dr. Rogério e o Tio Carlos, que por inúmeras vezes aliviaram minhas angustias, e ainda o fazem.

Queria também agradecer aos professores do CDS, especialmente o Luciano, pessoa extremamente honesta e solidária, que nunca me deu aula, mas sempre acreditou em mim e esteve disposto a me ajudar. O Professor Cardoso, que muito mais que orientador, se tornou meu amigo, com quem eu aprendi muito durante estes meses de convivência. A professora Lara, que muito mais que do minha professora, também se tornou minha amiga e estando sempre disposta a nos ajudar. O professor Giovane, pela sua honestidade e por sempre nos dar o apoio necessário. Os professores Capela e Edgard, por estarem sempre dispostos a ajudar, e também por suas lutas pelo povo de nosso país. A professora "Cris", do NDI, se sempre nos deu todo o apoio necessário, com quem aprendemos muito sobre Educação e também ao pessoal do Serviço de Educação Infantil (SEI), do Hospital Universitário, que também me ensinaram muito sobre Educação e que pela primeira vez me deram oportunidade se de ser professor.

Gostaria de agradecer aos meus amigos de Campinas, o João Paulo, o Thiago, e a Roberta, meus companheiros de mergulho, que apesar da distancia nunca se esqueceram de mim, e me deram forças para suportar a distancia de casa. Também a Angela, minha professora do cursinho, que muito me ensinou, e por quem tenho muita admiração. A Flávia Sakaguti, que sempre se fez muito presente e torceu muito pelo meu sucesso.

Os meus amigos de Florianópolis, que mais do que amigos se tornaram minha nova família, o Flávio Chiarini, meu companheiro por três anos, um sonhador, pessoa extremamente compromissada com a Educação e as causas de nosso povo,

com muito aprendi e ainda continuo aprendendo, o Marcelo, meu companheiro de tênis, e de muitos outros momentos, o Mozart, que me ensinou a respeitar as diferenças, sempre com seu jeito humilde, mas com extrema sabedoria, com quem também muito aprendi e continuo aprendendo. O Flávio D'avila, meu companheiro de estágio, sempre muito humilde e que juntos tivemos muitos aprendizados. A Carol, minha "afilhada", a Vanessa, a Dani Torri, a Rosi Brun, que com sua sincera amizade me ajudaram a suportar a distancia de casa.

A todos os outros companheiros, a Mariane dos Santos, o Mathias, o Diego, a Ana Paula, Gaderna.

Por último a todos os acadêmicos que responderam o meu "demorado" questionário, e aos professores Edgard, Kunz, Marcele, Albertina, Dorothei, Bagé, Moro, Bira, Giovane e o Ricardo, que cederam espaço em suas aulas para que eu pudesse aplicar o questionário, alguns mais que uma vez, pois sem vocês este trabalho jamais teria sido realizado.

à todos, o meu muito obrigado!

**“Ando devagar
Porque já tive pressa
Levo esse sorriso
Porque já chorei demais**

**Hoje me sinto mais forte
Mais feliz quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco eu sei
Eu nada sei...”**

Almir Sater/Renato Teixeira

SUMÁRIO

RESUMO	XII
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. O PROBLEMA E OS OBJETIVOS	3
1.2. JUSTIFICATIVAS.....	6
2. QUESTIONAMENTOS DE ORIENTAÇÃO DA PESQUISA.....	8
2.1. SOBRE O TEMPO: A PRESSA E A DEMORA	8
2.2. O CONHECIMENTO DE SI.....	12
2.3. O MUNDO DA VIDA	16
2.4. A EDUCAÇÃO, O MUNDO DO TRABALHO E O MUNDO DA VIDA	18
2.5. FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A EDUCAÇÃO FÍSICA	24
2.6. AUTONOMIA DO SER HUMANO E DA SOCIEDADE	29
3. METODOLOGIA	33
3.1. POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	34
3.2. INSTRUMENTO UTILIZADO NA COLETA DE DADOS	35
4. COMPREENSÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS	36
4.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA PRIMEIRA QUESTÃO: NA SUA OPINIÃO, QUAL DEVE SER A FUNÇÃO DAS UNIVERSIDADES (EM ESPECIAL A UFSC E O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA)?	36
4.2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA SEGUNDA QUESTÃO: O QUE O LEVOU A ESCOLHER O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA?	37
4.3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA TERCEIRA QUESTÃO: AS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TINHA EM RELAÇÃO À UNIVERSIDADE E AO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA SÃO CONFIRMADAS, SUPERADAS, OU SÃO ABAIXO DO ESPERADO? EXPLIQUE.	38
4.4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA QUARTA QUESTÃO: VOCÊ ACHA QUE A UNIVERSIDADE E O CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESTÃO CONTRIBUINDO PARA QUE VOCÊ POSSA OBTER ÊXITO NO MERCADO DE TRABALHO? EXPLIQUE.	40

4.5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA QUINTA QUESTÃO: VOCÊ ESTÁ APROVEITANDO AS OPORTUNIDADES QUE LHE SÃO OFERECIDAS DURANTE SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA PARA QUE VOCÊ POSSA OBTER ÊXITO NO MERCADO DE TRABALHO? EXPLIQUE.	41
4.6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA SEXTA QUESTÃO: VOCÊ ESTÁ ENVOLVIDO COM ALGUM PROJETO OFERECIDO PELA UFSC, COMO NÚCLEOS DE ESTUDOS, MONITORIAS, BOLSAS DE PESQUISA, EXTENSÃO, ETC.?.....	41
4.7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA SÉTIMA QUESTÃO: DIARIAMENTE, QUANTAS HORAS VOCÊ PASSA NA UFSC (SEM CONTAR AS HORAS EM QUE VOCÊ ESTÁ EM AULA). POR QUE?.....	42
4.8. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA OITAVA QUESTÃO: VOCÊ PARTICIPA DE EVENTOS EXTRA-CLASSE, COMO POR EXEMPLO, CURSOS, CONGRESSOS, SIMPÓSIOS, PALESTRAS, ETC.? SIM () NÃO () COM QUE FREQUÊNCIA?	43
4.9. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA NONA QUESTÃO: VOCÊ ACHA QUE A UNIVERSIDADE ALÉM DE PROPICIAR A FORMAÇÃO DESTINADA AO MERCADO DE TRABALHO DEVE PROPICIAR OUTRO TIPO DE FORMAÇÃO? QUAIS? EXPLIQUE.	44
4.10. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA DÉCIMA QUESTÃO: VOCÊ ACHA QUE A UNIVERSIDADE OFERECE OPORTUNIDADES PARA SEU CRESCIMENTO PESSOAL? EXPLIQUE.	45
4.11. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA DÉCIMA PRIMEIRA QUESTÃO: E VOCÊ, APROVEITA ESTAS OPORTUNIDADES QUE LHE SÃO OFERECIDAS (PARA SEU CRESCIMENTO PESSOAL)? EXPLIQUE.	46
4.12. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA DÉCIMA SEGUNDA QUESTÃO: VOCÊ DE ALGUMA FORMA CONTRIBUI PARA QUE A UNIVERSIDADE OFEREÇA ESTAS OPORTUNIDADES?	47
4.13. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA DÉCIMA TERCEIRA QUESTÃO: VOCÊ ACHA QUE A FORMAÇÃO OFERECIDA PELA UNIVERSIDADE O CAPACITA A IDENTIFICAR E INTERVIR NAS CARÊNCIAS SOCIAIS? EXPLIQUE.....	48
4.14. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES À RESPEITO DA DÉCIMA QUARTA QUESTÃO: UMA VEZ SENDO CAPAZ DE IDENTIFICAR AS CARÊNCIAS SOCIAIS, VOCÊ SE SENTE RESPONSÁVEL A DAR SUA CONTRIBUIÇÃO À SOCIEDADE? EXPLIQUE.	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	59

ANEXOS	61
---------------------	-----------

RESUMO

A expectativa de realizar um curso superior está cada vez mais presente na esperança das pessoas. Tanto, que é comum as famílias realizarem festas quando algum de seus membros entra na universidade, e mais comum ainda quando esta pessoa se forma. A faculdade passou a ser o caminho mais curto para que se possa alcançar uma condição financeira privilegiada e obter respeito por parte da sociedade. Ao adentrar a universidade as pessoas criam inúmeras expectativas em torno da nova fase de suas vidas. A partir de então, o estudante passa a ter mais responsabilidade, e também a ser um representante da sociedade. Isso é especialmente verdadeiro para a sociedade brasileira, onde apenas 9,0% das pessoas terminam um curso superior. Por este motivo, acreditamos que ao adentrar à universidade, a pessoa tem que apresentar uma postura ativa em relação as suas obrigações acadêmicas. Devem se tornar pessoas mais críticas, autônomas e conscientes das suas responsabilidade enquanto membros de uma sociedade relativamente carente. Desta forma, este trabalho se propõe a investigar se os acadêmicos estão adotando uma postura ativa em relação aos assuntos acadêmicos, assim também quanto as suas responsabilidades, ou apenas esperam de braços cruzados que as coisas aconteçam. Para que pudéssemos iniciar o presente estudo, fizemos opção por tentar relacionar alguns temas que julgamos de extrema importância para o melhor desenvolvimento dos nossos acadêmicos e também da sociedade como um todo. Assim, também, como os valores que achamos ser de prioritários para a construção de uma sociedade mais justa e harmônica. Os temas escolhidos foram discutidos no decorrer do estudo e são eles: Educação Física, o mercado de trabalho, a formação acadêmica, o mundo da vida e as exigências do Tempo-presente. De acordo com a metodologia adotada esta pesquisa pode ser classificada de descritiva, de caráter exploratório explicativo. Foi dividida em duas etapas: inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica, seguida por um estudo de caso. A população do estudo foi composta por 200 acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. A tipologia da amostra foi a denominada de Probabilística Casual Estratificada, neste tipo de amostragem os elementos do universo da pesquisa possuem a mesma chance de serem escolhidos. A coleta de dados foi realizada através de um questionário composto por 14 questões abertas. Desta forma, poderíamos ter um maior conhecimento do comportamento dos acadêmicos em relação a seus direitos e responsabilidade enquanto acadêmicos e cidadãos. Foi observado que grande parte dos estudantes está consciente das suas responsabilidade, e também apresenta grande preocupação com as questões sociais, por outro lado, uma grande parcela da população acadêmica se mostrou bastante apática em relação aos assunto acadêmicos e também bastante despreocupada com questões sociais.

Palavras-chave: Educação Física, Mercado de Trabalho, Formação Acadêmica, Mundo da Vida e Tempo-presente.

1. INTRODUÇÃO

Muitos anos da minha vida foram destinados ao esporte. Por muitos anos fui atleta, acostumei-me a dormir e acordar cedo. Quase todos os finais de semana tinha competição, por este motivo eu tinha atitudes cotidianas um pouco diferente das crianças da minha idade, como dormir e acordar cedo. Praticamente não saía a noite com os meus amigos, ou seja, minha vida era mais regrada que a da maioria das outras crianças. Eu não era obrigado a isso por ninguém, nem por meus pais, e muito poucas vezes por técnicos ou treinadores, e até o momento da minha infância que posso lembrar, eu mesmo era o responsável por estas atitudes, pois sabia que se um dia quisesse ser um atleta de sucesso, teria que ter certas atitudes, e eu gostava da vida que levava, e gostava muito.

Minha carreira esportiva teve início com a natação, aproximadamente aos seis anos. Por cinco anos treinei este esporte, tendo participado de competições somente no último ano de treinamento. Depois de parar com a natação continuei envolvido com esporte, pratiquei tênis, ginástica olímpica, judô, handebol, futebol de salão, futebol de campo entre outros, mas o que mais me despertou interesse sem dúvida foi o futebol de campo, talvez pelo fato de meu pai, meus tios e alguns primos serem ex-jogadores profissionais. O futebol, realmente me despertava uma grande “paixão”, e ainda o faz. Treinei futebol por aproximadamente 10 anos, e o meu sonho era ser jogador de futebol, mas não deu, não consegui ser jogador de futebol como era o meu sonho. Não fiquei frustrado por isso, aceitei muito bem, entendi que por alguma razão este não era o meu destino, e além de tudo, este esporte me deixou excelentes recordações, momentos que marcaram minha infância, e para sempre vão marcar minha vida. Também conheci muitas pessoas, fiz muito amigos, e posso com certeza dizer, que para mim o esporte e em especial o futebol foi muito importante na minha vida.

Por causa do esporte decidi fazer a Faculdade de Educação Física. Eu achava que a Faculdade de Educação Física se resumia a esporte, era o que tudo indicava, e o que todo mundo me fazia pensar. Quando comecei a freqüentar as aulas percebi que o curso de Educação Física não era bem o que eu pensava, que além do esporte, a Educação Física também tratava de saúde, de educação, de cidadania, entre outras coisas, o esporte era somente mais uma destas coisas, porém sobre esta coisa chamada esporte se fazia toda uma discussão filosófica, pedagógica, sociológica, discussões estas, que eu não tinha conhecimento, afinal nunca tinha pensado de forma crítica a respeito do esporte.

Quando comecei a tomar conhecimento dos assuntos da Educação Física, descobri que tinha um professor chamado Elenor Kunz, que por coincidência era da minha universidade, conseqüentemente um dia viria a ser meu professor, o que de fato ocorreu no ano de 2001, quando eu cursava a 5ª Fase do curso de Educação Física. Este professor propunha uma nova concepção para o esporte, que ele denominava de “transformação didático-pedagógica do esporte”, ele falava da prática esportiva orientada por outros valores, como: respeito, compreensão, humanismo entre outros, e eu pensava comigo, “que cara maluco”. Eu achava que além desta transformação não ser possível, ela também não era necessária. Porém, aos poucos fui tomando maior conhecimento sobre os pensamentos e ensinamentos do professor, e atualmente concordo quase que plenamente com ele. Tenho certeza, que além de possível, a transformação didático-pedagógica do esporte é também necessária.

Assim como tenho certeza desta necessidade, também tenho certeza de que o esporte não é o meio para esta transformação, e sim o fim. A transformação é mais complicada, é mais profunda. Na verdade acredito que seja necessária uma transformação social, pois o esporte também é o reflexo da sociedade. Nas práticas esportivas, assim como em qualquer outro segmento da sociedade, as ações apresentadas pelas pessoas nada mais são do que a sua visão de mundo. Uma

pessoa se interage com o mundo, de acordo com o que ela compreende como sendo o mundo e nas possibilidades que ela enxerga de relacionamento, por isso acredito que a transformação didático-pedagógica do esporte não é possível se junto não acontecer uma transformação didático-pedagógica da sociedade que aí está posta.

1.1. O problema e os objetivos

Recentemente tivemos a oportunidade de realizar um estudo que visou analisar os Jogos Internos da Educação Física, mais conhecido como JINEF. Este estudo foi realizado pela turma da disciplina Organização e Administração na Educação Física e nos Esportes, da 7ª Fase do Curso de Educação Física da UFSC, com ênfase no aprofundamento em esportes e orientada pelo então professor da disciplina, Carlos Luiz Cardoso. O interesse pela análise se deu uma vez que os jogos são organizados pelas 3ª Fases do curso, com o objetivo de propiciar integração entre os alunos, professores e funcionários do curso, o que aparentemente não acontece, pelo menos não para maioria dos alunos, porém em alguns casos a integração realmente acontece.

A pesquisa foi feita com a aplicação de um questionário que visava saber a opinião de alunos e professores, à respeito dos jogos, o que na minha opinião já foi uma prova de não integração, uma vez que esquecemos de dirigir os questionários aos funcionários, pois se os jogos são realizados com o objetivo de também integrá-los, acho que com o nosso questionário contribuímos para a não integração destas pessoas, ainda que o fizemos de forma involuntária. Na verdade o que queríamos saber é se as pessoas: alunos, professores e funcionários aceitariam que tentássemos fazer uma transformação didático-pedagógica do esporte nos jogos. De certa forma, as pessoas concordavam, ainda que não soubessem bem do que isso se tratava. Organizamos então um seminário para que pudéssemos expor nosso trabalho. Posteriormente, abrimos a questionamentos e explanações de opiniões, tanto opiniões contrárias como favoráveis foram expostas.

Mas como as pessoas poderiam ter opiniões diferentes sobre assuntos iguais? A resposta é evidente: cada pessoa tem a sua compreensão de mundo e da realidade, e assim o fazem, por que as pessoas não são todas iguais, na verdade eu diria que as pessoas são todas diferentes, pois cada pessoa teve ao longo de sua vida, experiências diferentes, o que as tornou pessoas diferentes, e o que estávamos propondo é que elas tivessem comportamentos semelhantes nos jogos da Educação Física, um comportamento que achávamos correto/integro, e fazíamos isso a partir das nossas experiências, e a partir do que achávamos correto, porém o que para mim era correto, poderia não ter o mesmo significado correto para uma outra pessoa, meu irmão, por exemplo. Por isso elas tinham opiniões diferentes sobre assuntos iguais.

Muito bem, sendo assim, o que proponho é que são as pessoas quem dão significado à alguma coisa, no nosso caso, os jogos da Educação Física, e elas tinham opiniões divergentes, justamente por que se relacionavam com os jogos a partir do significado que elas atribuem aos jogos. É a partir deste significado que elas vão se relacionar com os jogos.

Porém acredito ainda mais, acredito que cada pessoa tem propensão a ter uma forma de compreensão da realidade semelhante em situações distintas. O que quero dizer com isso é que se uma pessoa tem propensão a se integrar com outras pessoas, ela o vai fazer, seja nos jogos da Educação Física, nas Olimpíadas, na sala de aula ou no trabalho, desta forma este trabalho se **propõe** a investigar quais são os motivos que levam as pessoas a apresentarem certas atitudes, se é por uma questão de princípios que ela apresenta ou se é o evento ou a situação que propicia a atitude ou comportamento apresentado.

Como já sabemos, as diferenças de comportamento apresentadas pelas pessoas é um fato, porém este fato deve ser mais bem compreendido. Por que se as pessoas são tão diferentes alguma razão deve existir para isso. Assim também, como este fato deve apresentar alguma consequência. A consequência que mais

nos interessa, diz respeito à formação acadêmica de cada pessoa. Este aspecto se torna de fundamental importância, se considerarmos o fato de que cursamos uma faculdade que visa à formação de educadores, portanto, enquanto educadores, estas pessoas devem ter comportamentos condizente com a prática educacional/pedagógica. Muitas vezes não é isso que ocorre. No curso de Educação Física, por exemplo, as pessoas deveriam se dar conta da importância e da extrema complexidade da prática educacional, logo que adentram ao curso. Porém, receio que não seja desta forma que aconteça. Acredito que a maioria, somente vai se dar conta destes aspectos, nas fases finais, deixando de aproveitar um tempo valorosíssimo para sua mais completa formação pedagógica/educacional. A prática educacional é de extrema complexidade e importância, desta forma o educador deve estar comprometido com a sua responsabilidade social.

Uma vez que achamos que as pessoas têm propensão a comportamentos semelhantes em situações distintas, achamos que estas pessoas possam ter as mesmas atitudes apresentadas nos jogos, enquanto exercem a prática educacional. Desta forma, visamos identificar as razões que levam as pessoas a se relacionarem com as situações, ou seja, como elas fazem a sua leitura da realidade, como e porque relacionam o seu mundo interior com o mundo exterior.

Gostaríamos também de saber como os alunos do curso de graduação em Educação Física da UFSC se enxergam enquanto membros deste recorte social e institucional, que é a universidade. Durante a graduação, a universidade oferece muitas oportunidades para a formação do aluno. Estas oportunidades, porém, além de propiciarem ao aluno uma formação que o habilite a obter êxito no mercado de trabalho, deve também possibilitar uma formação mais ampla que desperte no mesmo, uma consciência crítica, tornando-o capaz de se perceber enquanto Ser Humano, com responsabilidades sociais e valores como: a dignidade, caridade, amizade, solidariedade, amor ao próximo e a si mesmo. Portanto, para isso, deve

ser capaz de propiciar ao aluno um conhecimento de si, o que vem se tornando uma tarefa cada vez mais complexa nos dias atuais.

Por outro lado o aluno também deve ter responsabilidades com a universidade. Num primeiro instante, o aluno deve estar atento às oportunidades que a universidade lhe oferece, sabendo aproveitá-las e distinguí-las. Deve estar atento à formação visando êxito no mercado de trabalho, mas também no mundo da vida. Ao mesmo tempo, deve ter uma atitude investigativa a fim de favorecer que a universidade possibilite a seus alunos uma formação cada vez mais humana e de qualidade, que as oportunidades que a universidade venha a oferecer, contribua para a completa formação do estudante, de forma que este tenha condições de intervir com qualidade e criticidade, seja no mercado de trabalho e/ou também de acordo com as carências sociais.

1.2. Justificativas

Vivemos num mundo ou sociedade, que cada vez mais rápido vem se tornando “desumano”, cada vez mais deixamos de lado valores como a solidariedade, compaixão, amor ao próximo e a nós mesmos. E cada vez mais temos menos tempo para dedicarmos às pessoas a nossa volta, assim também como a nós mesmos, tornando-se quase impossível a tarefa de nos conhecermos e muito menos ainda às pessoas com as quais convivemos. Pois se não somos capazes de desenvolver o “conhecimento de si” como podemos desenvolver o conhecimento do próximo? Está aí uma boa pergunta!

O caos parece instalado na sociedade, os problemas que antigamente eram exclusividade das grandes cidades, já não mais o é, e o pior é que parece irreversível. E o que estamos fazendo contra isso? Ao que tudo indica, muito pouco, pois temos a capacidade de achar que os problemas sociais não são nossos, são de outros, dos outros, e sendo assim nada temos a fazer para solucionarmos, ou ao menos amenizá-los.

Cada vez mais rápido, assistimos o surgimento de novas formas das pessoas se relacionarem com o caos social. Exemplo disto são os *Shopping Centers* e os condomínios fechados, dentre outras formas. Neste tipo de organização as pessoas que optam e reúnem condições financeiras favoráveis se integram ao processo, por acreditarem que desta forma estarão mais protegidas e seguras e que estes lugares podem proporcionar melhores condições de vida. O problema é que esta forma encontrada de intervenção social acaba proporcionando um certo isolamento da realidade social. Desta forma, acabamos por nos relacionar com a sociedade, apenas de forma superficial. Neste contexto acabamos também nos isolando das pessoas, e nossas relações vão se tornando também cada vez mais superficiais e desprovidas de afetividade. Penso que assim, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade cada vez menos afetiva, onde o que realmente importa é o sucesso pessoal (individual), e no máximo dos familiares mais próximos. Porém, acredito que esta situação não é irreversível, e se por enquanto não pode ser plenamente solucionada, pode ao menos, ser amenizada. Para esta função acreditamos nas instituições educacionais, em especial nas universidades, que enquanto formadoras de futuros formadores de opinião, têm papel importantíssimo nesta transformação social ou para a manutenção deste caos social.

Nós, enquanto estudantes, futuros formadores e talvez formadores de formadores, devemos dar nossa contribuição à universidade e conseqüentemente à sociedade, ao analisar a relação que se estabelece entre Universidade x Alunos, e vice-versa. Desta forma acreditamos estar contribuindo para uma sociedade mais justa, que se organize de forma a respeitar mais os direitos e necessidades dos cidadãos.

2. QUESTIONAMENTOS DE ORIENTAÇÃO DA PESQUISA

Mesmo antes do nascimento, todas as pessoas vão experienciando diversas formas de relacionamento com o mundo, à medida que vamos nos desenvolvendo tanto física, quando intelectualmente, vamos também tendo dúvidas e perguntas, que talvez na maioria das vezes não podemos obter respostas. Porém, para muitos destes questionamentos, de fato encontramos as respostas. Certa vez um professor do cursinho, disse a todos os alunos da sala, que se quisessem ter sucesso no meio acadêmico, jamais deveríamos fazer uma pergunta, cuja resposta não soubéssemos. Aquilo me chamou muito a atenção. Fiquei me perguntando: se eu já sei a resposta para que é então que eu vou fazer a pergunta? Hoje, na verdade, acho que o que ele quis dizer, é que no meio acadêmico, não há espaço, para falhas, que neste meio, as pessoas devem ser detentoras de todo o conhecimento. Confesso não concordar muito com isso, na verdade discordo totalmente, prefiro sim, concordar com Paulo Freire (1997), que dentre os seus ensinamentos, nos deixou dito que ninguém pode nem vai ser detentor de todo o conhecimento, e que na verdade devemos aprender uns com os outros, estando em constante processo de aprendizagem.

Muito bem, para desenvolvermos nosso estudo, achamos necessário ter alguns questionamentos, questionamentos estes, que nos acompanham de longa data, e que confesso ainda não termos respostas, e talvez nunca as teremos, mas que sem dúvida, faremos de tudo para ao menos nos aproximar das respostas.

2.1. Sobre o tempo: a pressa e a demora

Quando se é criança, muito pouco se sabe ou se quer saber sobre o tempo, para as crianças o tempo não é o mais importante, para as crianças o mais importante é brincar, ou pelo menos é o que deveria ser (ainda que se saiba que esta não é a realidade da maioria das crianças brasileiras). É brincando que a criança se diverte, e desta forma, descobre a si próprio, suas possibilidades

enquanto Ser Humano, e de certa forma, esta brincadeira e, conseqüentemente o tempo acabam por possibilitar a determinação da sua identidade (Mollenhauer, apud Kunz, 2001). Desta forma, o tempo, para as crianças, não determina ou limita suas possibilidades de relacionamento com o mundo vivido, o tempo serve apenas para orientar, e possibilitar tais possibilidades.

Lembro-me quando era criança, pouca importância eu destinava ao tempo, somente pude estabelecer alguma forma de relação consciente com o tempo, quando percebi que as coisas que eu gostava de fazer, sempre acabavam. Isso me preocupava, as coisas passavam, e eu nada podia fazer para impedir. Por exemplo, gostava muito de jogar futebol e de pescar, mas sabia que determinada hora teria que voltar para casa, se não minha mãe ficava brava, e em outras oportunidades, simplesmente porque havia escurecido. Mas o que eu poderia fazer contra isto? Na verdade muito pouco, pois o tempo ia passar e eu nada poderia fazer contra isso. Isso me deixava muito angustiado, pois as coisas que gostava de fazer, pareciam irreais, pois sempre passavam a fazer parte da lembrança. A segunda vez que me lembro de ter sentido a influência do tempo, foi quando fiquei doente e tive que ser internado, assim fiquei por aproximadamente uma semana. Nesta ocasião senti uma outra forma de relação com o tempo, porém orientada pela mesma lógica. Desta vez queria poder fazer alguma coisa para que o tempo passasse, ou até mesmo para que ele não existisse, mas mais uma vez eu nada poderia fazer contra isso, e assim como das outras vezes, o tempo deixou lembranças na minha memória.

Para os adultos, o relacionamento com o tempo se dá de forma parecida, porém estes não o percebem como lembranças que fatalmente virão a fazer parte da memória. Para os adultos, o tempo é, na verdade, o espaço que orienta suas formas de relação com o mundo, portanto na sociedade capitalista de mercado, muitas coisas passam a concorrer entre si, na sociedade de mercado cada vez mais coisas devem ser produzidas, e são exatamente estas coisas que concorrem entre si, fazendo o tempo parecer cada vez mais escasso.

Na verdade os adultos parecem “brigar” contra o tempo, esta na verdade é uma lógica da sociedade capitalista de mercado, que afeta mais intensamente os adultos. Nesta sociedade capitalista de mercado, o tempo é “inimigo”, portanto se deve vencê-lo, a lógica assim, é produzir cada vez mais em cada vez menos tempo, aproximando a realidade para o campo da Educação Física e dos esportes, a lógica se mantém, vejamos o caso do atletismo, por exemplo, deve-se percorrer uma determinada distância no menor tempo possível. Esta lógica parece estar cada vez mais embutida na sociedade. Desta forma o tempo parece passar cada vez mais rápido.

Esta lógica tem implicações na vida cotidiana das pessoas, uma vez que vem acelerando o ritmo de vida delas, desta forma não “sobra” tempo para se relacionar com as coisas da vida, como a natureza. A relação estabelecida pelos adultos desta forma, passa a ser desumana, trazendo uma série de prejuízos para a sociedade, como, por exemplo, as doenças modernas, como o estresse.

Segundo Assmann (2001), o tempo se torna subjetivamente assimétrico ao experimentarmos sentimentos de dor ou prazer, nestas condições, o instante temporal pode parecer interminável na situação de dor, medo ou sufoco, e ainda pode parecer muito ligeiro numa situação de prazer, segundo ele, são muitas as formas que comprovam que o tempo de alguma forma está relacionado aquilo que vivenciamos, desta forma, se torna desastroso quando queremos aprisionar a experiência temporal na exatidão dos relógios, uma vez que os relógios não são capazes de registrar temporalidades vivenciais. Porém, de maneira geral, na sociedade pós-moderna, vivemos orientados pelo tempo marcado por um relógio, e ao passo que nossas emoções não se orientam pelo tempo marcado, mas sim pelo tempo vivenciado, necessitamos achar uma forma de conjugar estes dois aspectos tão diferentes da nossa relação com o tempo. Mas como?

Falamos do tempo com certa naturalidade, e com certeza, facilmente podemos relatar algum tipo de experiência com o tempo, mas se questionados sobre

o que realmente é o tempo, muito provavelmente não seríamos capazes de achar a resposta. O tema é tão complexo que levou Santo Agostinho a tecer o seguinte comentário: “*O que é o tempo? Se ninguém me perguntar, então eu sei. Mas se eu quiser explicar a quem me pergunta, já não sei*”.

Esta frase certamente se faz transparecer o quanto à relação com o tempo ainda é desconhecida, incerta e duvidosa. Segundo Assmann (2001), discussões sobre o tempo marca profundamente todo o Séc. XX, e despertou interesse de ciências como a física, a psicologia e a filosofia. Mais recente, na transição da modernidade para a pós-modernidade passou a despertar a atenção da matemática e da informática. Fato este que não é de se estranhar, uma vez que a era pós-moderna, também pode ser chamada de era da Sociedade da Informação, tanto que levou Kunz (2001), a afirmar que nos últimos dois anos será produzida mais informação do que nos últimos dez mil anos. E o advento da informática é certamente o maior responsável por isso.

Com o advento das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), houve o surgimento de uma nova forma de relacionamento e interpretação do tempo. A globalização é prova disto. A globalização somente foi possível, graças ao advento destas novas tecnologias da informação e comunicação, que propiciaram que as informações, que antes levavam dias, meses e até mesmo anos para serem divulgadas, pudessem ser transmitidas quase que em tempo real. Este fenômeno diminuiu distâncias e aproximou culturas. Hoje se pode comprar um produto, no Japão, por exemplo, através da *Internet*, pode-se também conhecer pessoas e até mesmo lugares, e todo isso em poucos minutos. Desta forma, as tecnologias da informação e comunicação, são segundo Assmann (2001), economizadoras de tempo, ao mesmo tempo também são devoradoras de tempo (cronofagia), pois uma vez que economizam o tempo cronológico aproximando as pessoas de lugares, mercados e outras pessoas, estão ao mesmo tempo devorando o tempo vivenciado das pessoas, pois estas novas tecnologias da informação e comunicação criam um

“mundo virtual” onde normalmente se passa horas, este é o chamado paradoxo temporal, onde as pessoas têm cada vez mais tempo disponível, mas ao mesmo tempo sentem uma crescente sensação de falta de tempo e de restrições temporais.

Com o advento das tecnologias da informação e comunicação, há o surgimento do que Assmann (2001) chama de Ciberespaços e Ciberculturas. Para ele, estes são conceitos que já fazem parte do cotidiano da sociedade pós-moderna, referem-se ao efeito que estas novas tecnologias exercem de forma cada vez mais significativa sobre o comportamento dos humanos. Para Bertoni, (apud Assmann, 2001),

A cibercultura terá como consequência uma profunda transformação da idéia de espaço e de tempo. Fico preocupado quando escuto que a cultura cibernética não modificará essencialmente o comportamento humano. Julgo isso uma falácia conceitual – produto do desconhecimento e, em todo caso, do desejo – que além do mais, tem como consequência que a gente fique tranqüilo, esquivando-se do esforço de mudar nossa concepção de tempo e do espaço.

Para Assmann (2001), estamos cada vez mais imersos neste sistema interativo gerado por estas novas tecnologias da informação e comunicação. Nos tornamos dependentes da interatividade, praticidade e agilidade que as novas tecnologias nos oferecem, desta forma estamos cada vez mais acelerados em função desta nova realidade. Nosso tempo livre, tempo para o ócio, praticamente não existe mais, se tornou na verdade um tipo de não ócio, ainda segundo Assmann, um tempo de negócio, que tem um valor cobiçado pelo telemercado, pela mídia, que transforma este tempo de então ócio em um verdadeiro mercado virtual.

2.2. O conhecimento de si

A tarefa de identificar os motivos que levam uma pessoa a apresentar determinada atitude, parece muito simples, muitos poderiam pensar que o que é preciso fazer, nada mais é do que perguntar às pessoas o por que de suas atitudes,

mas na verdade não é tão simples assim. Muitas vezes nem a própria pessoa compreende ao certo o que a levou a apresentar determinado comportamento. É comum escutarmos das pessoas “fiz isso por que o sangue subiu à cabeça”, ou “se fosse eu faria diferente” ou ainda “como você agiu com calma, no seu lugar não sei se teria tanto sangue frio”. Estas são três situações distintas, na primeira a pessoa parece saber que a atitude tomada não foi a mais acertada para o momento, mas não teve autocontrole suficiente para não cometer tal atitude. Na segunda situação a pessoa diz que em determinada situação teria resposta diferente a que uma determinada pessoa teve, porém foi uma situação que ele não vivenciou de fato, na verdade é apenas uma suposição que a pessoa faz, julgando ser dona de um autocontrole que talvez não tenha. A última é a situação de uma pessoa que passou por uma situação difícil e conseguiu resolver de uma maneira muito tranqüila, neste caso parece que a pessoa foi dona de um enorme autocontrole.

Mas por quê as pessoas apresentam distintos níveis de autocontrole? Creio que seja pelo conhecimento que a pessoa tem de si, e pelos princípios que orientam a vida de cada pessoa. Os princípios são aqueles valores que cada pessoa acredita ser correto, estes valores na maioria das vezes estão muito relacionados à cultura das pessoas, por exemplo, na Índia os bovinos são considerados animais sagrados, ainda na Índia é crime maior agredir ou desrespeitar uma vaca, do que um Ser Humano. Já no Brasil a carne de vaca é base da alimentação de muitos brasileiros, fato inimaginável na Índia. Não precisamos ir muito longe para trazermos um exemplo relacionado à Educação Física e aos esportes. Por exemplo, a liga Norte Americana de Basquetebol (NBA), tem regras totalmente diferentes das da maioria dos países, esta alteração em relação às outras nações, nada mais é do que uma construção cultural devido a certos interesses e necessidades da sociedade dos EUA.

Segundo Kunz, a Educação Física enquanto ramo da educação tem papel de desenvolver nas pessoas e nas crianças em especial, pois estas são o futuro do mundo e também o reflexo do que viveram, um conhecimento de si,

“porém não se trata de formar pessoas que se conheçam melhor, apenas, mas de formar gente consciente de que jamais conhecerá tudo de si, pois isso consiste em conhecer a humanidade e o mundo. É imprescindível que a educação desencadeie um processo de conhecimento de si através dos valores humanos encontrados em cada indivíduo, possibilitando condições para que cada aluno e aluna encontrem, por suas referências internas e não apenas do mundo exterior e dos outros, o que ele ou ela de fato são em relação ao mundo, aos outros e a si próprio”. (Kunz, 2002:15).

Como podemos perceber através do pensamento do professor Kunz, a tarefa de desenvolver um conhecimento de si, realmente não é muito fácil, porém é de extrema importância. Quanto a isso não temos dúvida, queremos então, discutir um pouco desta importância, e o quanto este pode ser benéfico em todos os setores da vida das pessoas e, portanto da humanidade, que elas tenham desenvolvido um mínimo conhecimento de si. Se tiverem conhecimento de si, as pessoas poderiam ser capazes de identificar os seus reais valores e interesses, mas mais do que isso, talvez fossem capazes de julgar se os seus valores e interesse realmente são corretos. Isso parece não ter muita importância, mas tomemos o caso da Irlanda do Norte. Neste país assim como em muitos outros, a religiosidade vem se tornando um fenômeno cada vez mais complexo e gerador de conflitos, desta forma podemos perceber a permanência de lutas envolvendo religiosidade em várias partes do mundo. Se por um lado todas as religiões partem de preceitos éticos que priorizam a vida e a dignidade do homem, como o equilíbrio, a fraternidade, a justiça, o perdão, a honestidade, a solidariedade, o amor ao próximo e a humildade, vemos, porém, que as lutas envolvendo questões religiosas desde os primórdios da civilização,

permanecem e parecem, cada vez mais distantes de uma solução civilizada. Perseguições, guerras e conflitos, ainda hoje, marcam a vida de católicos e protestantes na Irlanda do Norte.

Confesso não ter muitos conhecimentos sobre os acontecimentos e valores do povo daquele deste país, e talvez possa cometer alguns equívocos ao analisar uma situação da qual não sou familiar. Certo dia ao assistir um noticiário de TV, presenciei uma cena que para mim foi muito chocante. A caminho da escola, as crianças, filhas de católicos, eram vítimas de imenso terror, pois os protestantes atiravam pedras contra estas crianças com o intuito de amedrontá-las, machucá-las e talvez de impedir que chegassem à escola, crianças estas com idades entre 5 e 8 anos. Aquilo me causou extremo espanto, pois como as pessoas poderiam agredir outras pessoas em nome de suas próprias religiões? Religiões estas que como dito anteriormente são orientadas por preceitos que priorizam a vida, a solidariedade e o amor ao próximo. Por um lado fiquei aliviado de ser brasileiro, e, portanto morar em um país que com todos os seus problemas e limitações ainda não usa a religião para praticar a violência, depois porém, percebi que aquele sentimento de alívio era um sentimento egoísta, pois como poderia eu estar aliviado sabendo que tanto ódio e tanta violência era produzido em nome da religião.

Fato parecido que ocorre no Brasil e que apresenta certa relação com a Educação Física é a violência que é praticada nos estádios de futebol. Neste caso as pessoas praticam a violência em nome do amor, o amor que têm por seus times, e novamente em nome do amor disseminam o terror entre seus semelhantes. O esporte assim como a religião, mexe com paixões e as paixões muitas vezes impossibilitam que as pessoas possam ter uma atitude racional.

O que quero dizer com isso é que muitas vezes as pessoas praticam certas atitudes sem que antes seja feita uma análise prévia, desta forma não sabem se o que estão praticando é correto ou incorreto. Em muitos casos as pessoas são induzidas a certos atos. Como é o caso das religiões e dos esportes, neste momento

elas agem em nome de uma força maior, que foram levadas a acreditar ser uma força correta, portanto acreditam que suas atitudes são corretas, não têm consciência do erro que estão cometendo, e talvez nunca terão uma vez que esta consciência exige que a pessoa tenha conhecimento de si e portanto, dos seus atos, mas como em muitos poucos casos as pessoas são donas deste conhecimento quase nunca terão consciência de seus atos.

No mundo acadêmico este conhecimento de si também se faz necessário, isso para que os estudantes não sejam conduzidos pela universidade, mas sim, que eles sejam os condutores dos seus próprios caminhos, e desta forma consigam compreender a riqueza de conhecimentos, vivências e experiências que o mundo acadêmico pode proporcionar, mas que muitas vezes passam despercebidos. Mas, mais importante que isso, é que compreendam que se encontram em processo de constante aprendizado e que jamais poderão conhecer tudo de si, assim como nunca poderão ter conhecimentos à cerca de tudo e que conseqüentemente sempre haverá um nível maior de conhecimento a ser alcançado, como muito bem nos esclarece Paulo Freire (1997) e Elenor Kunz (2002).

2.3. O mundo da vida

Inicialmente se faz necessário esclarecer ao leitor o que vem a ser o mundo da vida, porém desejo alerta-lo que talvez nem mesmo eu tenha claro o que vem a ser o mundo da vida. Isso, por que o mundo da vida está relacionado à vida de cada ser, portanto se faz muito particular. Acredito que o mundo da vida venha sofrendo transformações ao longo dos séculos, uma vez que as necessidades das pessoas também vão sofrendo transformações. Pequena prova disso é o advento do que Assmann (2001), chama de as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), estas tecnologias que não eram conhecidas em outros tempos, mudou radicalmente a forma do homem moderno se relacionar com o tempo e o espaço, portanto, fazendo com que ele tivesse novas necessidades, interesses e valores. Estas mudanças, portanto, não demoram necessariamente tanto a ocorrer, muitas

vezes ocorrem com pessoas da mesma família, irmãos de diferentes idades, por exemplo, se observarmos estes irmãos, veremos que muito provavelmente tiveram interesses diferentes nas mesmas idades, isso é fruto das mudanças que ocorrem com o tempo e que afetam o modo de as pessoas se relacionarem com o mundo.

Ao longo dos anos cada vez mais as relações estabelecidas pelo ser humano, sejam elas com outros humanos, com outros animais ou com a natureza vem cada vez se tornando mais acelerada, ou seja, a relação com o tempo mudou. Atualmente não se pode fazer uso de muito tempo, as relações tomaram uma dimensão imediatista, isso altera profundamente o mundo da vida das pessoas. Mas o que mesmo é o mundo da vida? Bem, o mundo da vida é a forma como cada pessoas se relaciona com as coisas do mundo e da sua vida, a importância e a prioridade que destinam a cada coisa seja ela viva ou não e a cada acontecimento. Muitas vezes esta forma de relacionamento se estende a uma comunidade, população, nação e até mesmo à humanidade.

A sociedade atual e, portanto em sua maioria capitalista passou a dar muito valor ao capital, ao que pode ser comprado pelo capital e as relações que são estabelecidas pelo advento do capital. Desta forma, em nome dos interesses gerados pelo capital a sociedade moderna estabelece a maioria de suas relações. Até mesmo as religiões parecem estar se orientando pelos interesses capitais, religiões que como dito anteriormente deveriam ter os seus valores orientados a partir de preceitos éticos que priorizam a vida e a dignidade do homem, como o equilíbrio, a fraternidade, a justiça, o perdão, a honestidade, a solidariedade, o amor ao próximo e a humildade. O capitalismo faz com que muitos destes valores sejam deixados em segundo plano, ainda que não sejam totalmente esquecidos, à medida que certos valores foram sendo deixados de lado outros tomaram o lugar dos antigos, como a ganância, a cobiça, o desrespeito. A sociedade capitalista passou a ter suas ações orientadas por estes valores. Se não fosse desta forma como podemos explicar as desigualdades existentes, como a fome, a miséria, o

desrespeito à natureza e aos direitos humanos, desigualdades estas que aconteciam em menor escala nas sociedades primitivas. Se não formos explicar estas desigualdades através dos interesses capitais como então explicaremos...?

Muito bem, se grande parte das pessoas da sociedade moderna passaram a ter seus valores orientados pelo advento do capital, também passaram a ter a sua vida orientada através destes valores e, portanto o mundo da vida destas pessoas também é orientado a partir destes valores. A partir do momento em que as pessoas passaram a orientar seus valores a partir dos interesses capitais, passaram também a ser mais imediatistas e egoístas, é por isso que tanta desigualdade existe, porque cada pessoa só consegue se preocupar consigo mesmo.

O mundo da vida que sonho é outro, e talvez seja o de muitas outras pessoas. Sonho com uma sociedade que tenha suas atitudes orientadas pelo amor, pela solidariedade, pela paz, pelo respeito às diferenças. Portanto, pessoas que se preocupem mais umas com as outras, desta forma acredito que muitas pessoas seriam poupadas do sofrimento que vemos hoje, e que as desigualdades que presenciamos atualmente ocorreriam em menor escala. Acredito que universidade, assim como as demais instituições educacionais, seriam um bom lugar para que pudéssemos disseminar estes valores, e que desta forma, todos juntos construíssemos uma sociedade mais igualitária e orientados a partir de outros valores.

2.4. A educação, o mundo do trabalho e o mundo da vida

“Meu filho, se você quer ser alguém na vida não pode deixar de estudar!” Esta não deixa de ser uma afirmação verdadeira, portanto, dependendo do ponto de vista. Na nossa sociedade, somos acostumados desde pequenos a freqüentar as aulas, sabendo que este é o único caminho para se tornar "alguém na vida", para sermos pessoas de sucesso, adquirir status, e uma condição financeira privilegiada. De fato, os estudos são o caminho mais curto para alcançar tais conquistas, é verdade que têm pessoas que adquiriram tudo isso, sem ao menos ter sido alfabetizado, mas

estes são casos raríssimos, e não queremos nem de longe minimizar a importância da escola. A escola, portanto, prepara a pessoa para ter sucesso na vida, sucesso no mundo do trabalho. Obter sucesso no mundo do trabalho passou a ser o ideal de cada jovem que adentra ao mundo escolar. Lembro-me quando era criança, odiava ir à escola (ou melhor, odiava ir às aulas, a escola eu até que gostava), mas era obrigado, pois desde pequeno aprendi ser este o único caminho para que pudesse "vencer na vida". Agüentei firme, pensava que quando terminasse o 2ª Grau, meus deveres escolares já estariam cumpridos, mas não era bem assim, ainda faltava a universidade, pois quem não tem curso superior também não pode ser "alguém na vida", e agora que estou terminando a faculdade, as pessoas me dizem que isto já não basta, que para eu seja "alguém na vida", preciso fazer pelo menos o mestrado, mas se tiver o doutorado seria mais garantido, mas mesmo assim me dizem: "e olha que tem gente por ai com mestrado e tudo que anda procurando emprego".

Está impregnado na sociedade pós-moderna que ser "alguém na vida", nada mais é do que ter sucesso no mundo do trabalho, é ganhar muito dinheiro, e para se ter sucesso no mundo do trabalho é preciso estudar, caso contrário nada feito. Concordo que é preciso estudar, mas discordo do sentido que o estudar tomou na sociedade moderna, a educação que também deveria formar as pessoas enquanto Seres Humanos, para que pudessem se descobrir enquanto membro de uma sociedade, cujos verdadeiros valores deveriam ser a solidariedade, a compaixão, o respeito, o amor. Pessoas que fizessem destes valores o real valor de sua existência, não somente o sucesso no mundo do trabalho (Kunz, 2001), contudo não quero dizer com isso que o sucesso no mundo do trabalho não tenha importância, pois tem sim e muita, porém não pode e não deve ser o único ideal das pessoas enquanto membros de uma sociedade, com deveres e responsabilidades.

Segundo Assmann (1998), na interligação entre ética e educação, não há como fugir de atender as necessidades do mercado, sendo muito difícil articular

estas exigências com a solidariedade, tanto que Adam Smith apud Assmann (1998), diz o seguinte:

“Toda vez que alguém propõe a outrem qualquer tipo de transação comercial, no fundo lhe propõe o seguinte; ‘dê-me o que eu quero, e você terá o que você quer’. Eis o significado de cada oferta como esta. E é desta forma que obtemos uns dos outros a maior parte dos bons serviços de que necessitamos. Não é da benevolência do açougueiro, do fabricante de cerveja ou do padeiro que esperamos nosso alimento, mas de sua preocupação com seu próprio interesse. Dirigimo-nos, não aos seus sentimentos humanos, mas à sua preocupação consigo mesmo, e nunca lhe falamos de nossas próprias necessidades, mas de suas vantagens. Só um mendigo opta por depender basicamente da benevolência de seus semelhantes”.

Ao falarmos sobre isto parece que estamos indo contra o rumo normal da sociedade, mas não se trata disto, na verdade o que queremos é uma educação que em sua essência não tenha o objetivo único e exclusivo de preparar as pessoas para o êxito no mundo do trabalho, e que para isso deixem de lado valores como a solidariedade. No meu entendimento a educação caminha a passos largos para a manutenção do modelo atual, uma vez que não é raro encontrar propagandas de escolas que oferecem para os seus alunos a oportunidade de passar o dia inteiro na escola, pois têm na grade curricular, as mais diversas atividades extra-classe, como aulas de inglês, espanhol, computação, música, natação, futebol, entre outras. Com isso preparam cada vez mais as crianças para o sucesso no mundo do trabalho. Em contrapartida, tiram destas crianças a oportunidade de se descobrirem enquanto Seres Humanos, tiram delas a oportunidade de desenvolverem o conhecimento de si, do mundo e das outras crianças. Tiram também destas crianças a oportunidade de se tornarem pessoas críticas e autônomas, capazes de se relacionar com o mundo, com as outras pessoas o consigo mesmo de forma saudável (Kunz 2001).

Desta forma passam a ter uma visão equivocada de suas relações, passam a enxergar as outras pessoas como concorrentes, o mundo como a fonte para se obter êxito na vida e a si mesmo como o meio para que tal êxito seja alcançado.

Segundo Assmann (1998), as necessidades básicas de aprendizagem são traduzidos em “competências cognitivas” e “competências sociais”, que se encaixe as exigências do mercado, um mundo acirrado e competitivo. A produção do conhecimento, ou melhor, a reprodução do conhecimento se resume a cada vez mais ao saber tecnologicamente aplicável.

Nós enquanto educadores, formadores de opinião, mas, mais que isso, como sonhadores de uma sociedade que tenha no seu íntimo, o respeito, a dignidade e o amor, como valores norteadores de suas ações (tanto coletivas, como individuais), não podemos nos calar ao enxergar as coisas como estão, temos que ao menos tentar fazer alguma coisa, e mesmo que mínima, deixar nossa contribuição.

Tentamos fazer isso, denunciando a forma, como a sociedade atual vem tratando as pessoas, não como Seres Humanos, com necessidades e desejos, mas sim, como máquinas que nada sentem, desprovidas de sentimentos, angústias e afetividade, fato este muito bem retratado por Charles Chaplin, já na década de trinta, em “Tempos Modernos”. Desta forma achamos estar contribuindo para que se realize uma discussão mais crítica a respeito da sociedade de mercado.

Retomando as discussões sobre o tempo, Hartmann, apud Assmann (2001:203), diz que:

“Tempo é poder. Tempo é espaço. Tempo é uma noção abstrata que não pode ser reduzida a um único denominador comum. A consistência do tempo do relógio é apenas um compromisso muito imperfeito”.

Achamos que esta citação seria mais adequada ao falarmos sobre o mercado de trabalho e as exigências da sociedade de mercado, pois para a sociedade de mercado o crucial é o poder, e como dito por Hartmann, tempo é sinônimo de poder,

de sucesso, de ser “alguém na vida”, mas, mais que o tempo, o dinheiro é sinônimo de poder, e é a esta realidade que a pessoa que quer integrar ao mercado de trabalho deve se adaptar.

Uma característica da sociedade pós-moderna apontada por Laïdi (2000), e que me parece muito delicada, está na incapacidade do homem pós-moderno (que ele chama de Homem-Presente) em não conseguir traçar objetivos, a não ser para si próprio, não somente porque já não sabe representar para si o futuro, como também por estar cada vez menos familiarizado com a idéia de transmissão de valores e princípios de uma ética de vida boa para as futuras gerações.

Porém ao apresentar este comportamento, ainda segundo Laïdi (2000), o Homem-Presente tem consciência de que os seus atos, ainda que minimamente, comportam cada vez mais conseqüências em longo prazo.

Na escola, esta lógica se dá de forma parecida. Atualmente, a escola, em todas as suas instâncias, prepara o aluno para sua atuação imediata, ou seja, no Tempo-Presente, porém, sem muita preocupação com as conseqüências que esta formação venha causar, ainda que tenha total consciência de que as ações presentes vão apresentar reflexos no futuro, esquecendo da complexidade que será, para quem estiver no presente deste futuro solucionar as lacunas deixadas pelas gerações passadas. Desta forma, esta lógica acaba se tornando uma “bola de neve”, que não sabemos ao certo onde vai parar.

Segundo Oliveira (2001),

“por vivermos numa sociedade que pauta seus princípios no lucro, na eficiência e na utilidade, na qual os indivíduos têm passado por um processo de coisificação, perdendo, então, suas identidades para ceder espaço às funções que exercem na sociedade”.

Por esta razão, segundo Frigotto, (apud Oliveira, 2001), encontramos muita dificuldade em compreender a crise da educação, oriunda do sistema capitalista de

mercado, deixando de perceber a sua enorme perversidade. Ainda segundo o mesmo autor, está sendo vivenciado, no plano educacional, as relações capitalistas globalizadas. Desde que se globalizou pelo mundo, o capitalismo foi responsável pela quebra do bloco liderado pela então URSS, além do empobrecimento dos países subdesenvolvidos e conseqüentemente dos seus povos, processo este que é camuflado pela falsa promessa de sucesso e desenvolvimento para estes povos, que agora, ao invés de subdesenvolvidos, são chamados de países em desenvolvimento. Porém os países subdesenvolvidos estão subordinados a políticas de serem constantemente dependentes de capital oriundo de países desenvolvidos, desta forma devendo obediência, a uma cartilha que dita as reformas necessárias para a manutenção do sistema atual, (Ianni apud Oliveira, 2001).

Desta forma, a educação, ao invés de facilitar a libertação e a emancipação do indivíduo e também da sociedade, como diz Freire (1997), Kunz (2001), entre outros, está contribuindo para a manutenção do atual sistema, de manutenção e reforço à superestrutura capitalista, veiculando, através da sua ação, os valores, os comportamentos, as atitudes, enfim, a ética do sistema capitalista, Oliveira (2001).

Também para Savianni, (apud Oliveira, 2001), as teorias críticas da educação, consideram possível e também necessário desarticular dos interesses dos dominantes, aqueles elementos que os favorecem, e rearticulá-los de acordo com os interesses da classe dominada, ou seja, aquela que não detém o poder. Este pensamento é oriundo da teoria histórico-crítica, que apesar de reconhecer que o sistema de ensino configurar-se pela reprodução e manutenção do sistema capitalista, a escola é também espaço para a divulgação de uma contra-hegemonia deste sistema, abrindo espaço para a construção de sociedade igualitária e verdadeiramente humana. Esta teoria também acredita que a educação tem poderes de transformação social através da escolarização do povo, transmitindo saberes construídos por este mesmo povo, porém que por uma manobra estratégica, não são de domínio da classe dominada.

2.5. Formação profissional e a Educação Física

Confesso que na verdade não sei por onde começar a falar sobre a formação profissional e a Educação Física. Vou então começar falando sobre a relação que se estabelece entre a Educação Física e a Escola, pois esta é sem dúvida a faceta da Educação Física que mais me atrai, e também a que considero mais importante, justamente por ser na escola que se tem a oportunidade de fazer uma educação problematizadora. Segundo Freire, (apud Kunz, 2001), a educação, e aí incluo a Educação Física, jamais pode ser neutra, ou ela conduz à domesticação ou à libertação. Sendo assim, tenho o sonho de poder contribuir para que a educação brasileira se torne o meio para que o aluno se emancipe e não domesticá-los.

Receio, ainda que não possa generalizar, que a Educação Física brasileira, vem contribuindo para domesticação das pessoas, mas, segundo estudos realizados por Kunz em 1991, a Educação Física era em demasia, orientada para a domesticação, isso acontecia tanto em alunos de escolas particulares como públicas. Ainda segundo Kunz (2001), os princípios que vêm sendo trabalhados na Educação Física escolar, são os mesmos do sistema esportivo universal, ou seja, apoiadas na competição e na concorrência, e que normalmente superam toda e qualquer intencionalidade. Estas regras nada mais são, do que as regras da sociedade capitalista de mercado, discutidas anteriormente. E a Educação Física, que é praticada nas escolas, nada mais é do que reprodução do esporte normatizado, desta forma fica muito difícil aos professores alcançar, com seus alunos, uma função sócio-educacional significativa, ou seja, Crítico-Emancipatória.

Acredito que grande parte da responsabilidade deste fato, se dê pela forma como os cursos de Educação Física vêm desenvolvendo a formação de seus alunos. Esta formação parece que é unicamente orientada a partir dos interesses do mercado de trabalho, preparando os alunos para defenderem seus próprios interesses. Entretanto, Kunz (2001), analisa que a Educação não é apenas uma qualificação de indivíduos, no sentido individual. Esta qualificação deve formar

sujeitos capazes de atuarem através de uma “ação comunicativa” competente, deve visar também a Emancipação da Sociedade.

Por outro lado, este modelo educacional ao qual nos referimos, não é fruto do acaso, mas é consequência do processo histórico pelo qual passou e ainda passa a Educação, onde novamente incluo a Educação Física. Para Ventura (2001), o modelo de escola que temos hoje, é fruto da Revolução Francesa acontecida no séc. XVIII, com ela surgiu o modelo educacional que presenciamos atualmente. Na época, este modelo educacional, surgiu com o intuito de atender as exigências e necessidades, de uma nova classe econômica, surgida após a revolução, a burguesia. Desde então, este modelo perpetua, permanecendo hegemônico até os dias atuais, determinando uma conotação funcional para a escola, realizando, através do processo de exclusão, o papel de reprodução do sistema capitalista dominante.

Oliveira (2001), destaca que a Educação Física, desde sua criação, atende aos interesses e necessidades, colocados em virtude do interesse cada vez mais incontrolável, despertado pelo capital e conseqüentemente da classe dominante (burguesia). Originalmente, a Educação Física tem sua base e sua linha de conhecimento, sustentada a partir das instituições militares, médicas e esportivas. Somente a partir dos anos 80, se deu origem novas formas de se pensar a Educação Física, através de uma proposta pedagógica, mais crítica e problematizadora, tentando tornar clara a responsabilidade e também a necessidade do educador físico, enquanto pedagogo, apresentar uma prática pedagógica condizente com as carências educacionais, construindo o conhecimento pertinente a Educação Física de forma problematizadora, propiciando a libertação do educando e não a sua domesticação (Freire, 1997). Porém, atualmente, ainda que de forma mais amena, as influências oriundas destas áreas “mãe” (se é que cabe tal denominação?), ainda estão muito presentes no cotidiano da Educação Física, porém atualmente a Educação Física necessita de outros paradigmas, mais críticos

e problematizadores, para isso, necessitamos que a Educação Física, aos poucos, se liberte destas áreas “mãe”. Este processo deve ser gradual. Também não há a necessidade de se negar os conhecimentos oriundos das áreas “mãe”, eles devem ser respeitados e trabalhados de forma crítica. Porém, a prática educacional cotidiana do professor de Educação Física, ainda está fortemente enraizada nestas áreas “mães”, tanto isso é verdade, que para Souza Jr. apud Oliveira (2001), atualmente, os conteúdos da Educação Física apresentam-se com a função de higienização corporal, disciplinarização e de rendimento esportivo. Isso é facilmente comprovado se analisarmos as aulas de Educação Física que são ministradas pelo Brasil, ainda que não possa afirmar com dados oficiais, pelas minhas observações cotidianas, a grande maioria das aulas de Educação Física, não fogem em nada às funções observadas pelo autor acima citado, que são de higienização corporal, disciplinarização e de rendimento esportivo.

Este referencial, no qual está orientada a Educação Física brasileira, está fortemente ligada às ciências biológicas, nas quais se sobressai a visão de um homem a-histórico, acrítico, apolítico, sendo este apenas e essencialmente valorizado pelas suas qualidades físicas, ou seja, biológicas (Oliveira, 2001).

Isto ocorre porque os currículos das Escolas Superiores de Educação Física apontam para este caminho, poucas são as Instituições que realizam uma discussão orientada por referenciais mais críticos e humanistas.

Na verdade as instituições de ensino superior possuem certa autonomia para elaborarem seus currículos, esta liberdade possibilita que o currículo seja organizado de forma privilegiar o que a instituição julgar mais adequado. Porém apesar desta liberdade, Pires e Oliveira (2002), afirma que, das aproximadas trezentas instituições de ensino superior que oferece o curso de graduação em Educação Física no país, na maioria os currículos dos cursos não são muito diferentes, desde a prática pedagógica, passando pela estrutura arquitetônica e até mesmo a bibliografia disponível, vale lembrar também que os conteúdos que são oferecidos não fogem

muito daqueles pré-estabelecidos e as instalações disponíveis também não fogem em nada àquelas usadas nos chamados esportes normatizados. Ainda segundo Pires e Oliveira (2002), na maioria das vezes, as Escolas de Educação Física, organizam seus currículos sem uma profunda reflexão, na verdade o que acontece é a abordagem dos chamados temas emergentes ou temas da moda, estes temas são transformados em disciplinas, sem que seja feita uma análise cuidadosa e se tenha total conhecimento destes temas. Outro problema é que além de causar um inchaço da grade curricular destes cursos, por estes temas não serem ainda muito bem compreendidos, são tratados de maneira apenas superficial, causando uma lacuna no processo de ensino - aprendizagem destes temas/disciplinas. Outro ponto bastante controverso é a forma como as escolas superiores de Educação Física, tratam as áreas de conhecimento pertencentes à filosofia e à sociedade. Neste caso, as disciplinas pertencentes a estas áreas de conhecimento, são oferecidas pelos respectivos centros. Desta forma, ainda segundo Pires e Oliveira (2002), perde-se duplamente, de um lado por ficar muito difícil para os professores de outros centros, realizarem com seus alunos reflexões próprias da Educação Física, por outro lado, por que tira dos professores pertencentes à Educação Física a oportunidade de apropriarem ou reverem seus conhecimentos para repensarem suas práticas pedagógicas à luz de teorias e conceitos das Ciências Humanas e Sociais.

Esta forma como as instituições de ensino superior organizam seus currículos, causa um sério problema, é o que Pires e Oliveira (2002), chama de semicultura. Na verdade o conceito de semicultura é mais antigo, foi elaborado por Adorno no início da década de 60 e somente lançado no Brasil no ano de 1996. A semicultura é fruto da Indústria Cultural, trata-se do consumo da cultura, e de como a Indústria Cultural, por meio da mídia “industrializou” os produtos culturais, segundo Pires e Oliveira (2002), semicultura pode ser definido da seguinte forma:

“é a integração enquanto ideologia, constituindo a tensão entre a concepção de realidade e a realidade mesma. Nessa dinâmica, a contínua reprodução das

condições objetivas mantém a impotência da consciência crítica. Os conteúdos da (semi)formação tornam-se objetivos, coisificados, com caráter de mercadoria, sem relações vivas com os sujeitos, já que se constituem a partir de noções ideológicas, que tiram as relações entre sujeito e realidade”.

Nesta lógica, este processo pode ser responsável por parte dos problemas estruturais na formação de professores de Educação Física, e conseqüentemente para a manutenção do sistema educacional da forma como conhecemos. Neste processo, acaba-se também, por se distanciar das ciências originais (que aqui chamamos de ciências “mães”), este distanciamento pode parecer favorável ao desenvolvimento de novas formas de se pensar/agir para a Educação Física, mas na verdade esta é apenas uma falsa impressão, pois este distanciamento das origens, se dá de forma alienada, não é um afastamento crítico, no qual se busca novas formulas ou meios para se pensar a prática pedagógica na Educação Física. Este afastamento se dá, justamente pela influência da semicultura, que segundo Pires e Oliveira (2002), o que na verdade a Indústria Cultural faz, é reduzir a complexidade da realidade, facilitando desta forma a compreensão e promovendo a adaptação do cidadão ao seu ritmo e linguagem, conseqüentemente favorecendo o consumo dos bens culturais que ela veicula. Com os conhecimentos críticos, produzidos das teorias e práticas pedagógicas, dos recentes pensadores da Educação Física, como Paulo Freire, Elenor Kunz, Walter Bracht, Mauro Betti, entre outros, não é diferente, pois a partir deste mesmo mecanismo, acabamos por consumir os conhecimentos produzidos por estas pessoas, apenas de forma superficial. Desta forma, não temos total compreensão da complexidade destes conhecimentos, é o que Pires e Oliveira (2002), chama de semiformação. Para o autor,

“a capacidade crítica, comunicativa e a criatividade não são habilidades inatas do professor; são construídas ou negadas, valorizadas ou reprimidas, tematizadas para servires de ferramentas pedagógicas ou exploratórias como possibilidades

da prática educativa. E assim vão se constituindo as (in)competências subjetivas da semiformação do professor”.

A consequência disto parece óbvia, pois se somos formados, ou melhor, semiformados professores (formadores), sem termos a real compreensão da complexidade dos conhecimentos que iremos ensinar, e ao assumirmos a posição de educadores teremos que fazer uso deles, certamente também vamos contribuir para a semiformação dos nossos alunos, dificultando a tarefa de que se percebam e libertem-se dos modelos estereotipados. Este semi-saber que semiformamos em nossos alunos, e consequentemente seremos semi formados, também pelos nossos alunos, uma vez que como dito por Freire (1997), não existe docência sem discência, desta forma acaba por se formar um círculo vicioso, onde as pessoas são cada vez mais inconscientes da sua real função enquanto membro de uma sociedade.

2.6. *Autonomia do Ser Humano e da Sociedade*

Até parece moda, o governo quer a autonomia das universidades, as escolas falam em autonomia para os seus alunos, as empresas para os seus funcionários Paulo Freire fala em Pedagogia da Autonomia. A palavra autonomia vem do grego, e significa: *autós*, próprio + *nómos*, lei: autogoverno, em biologia autonomia, quer dizer relativa identidade individual dos seres vivos, sujeita, contudo aos mais variados níveis de dependência. Segundo Assmann (2001), Maturana e, sobretudo Varela usam o termo para definir a individualidade dos seres, constituindo níveis de capacidade operatória, permanecendo, contudo imersos no seu nicho vital. Ainda segundo Assmann (2001), autonomia e conhecimento são conceitos que se reclamam reciprocamente, desta forma um sistema é autônomo à medida que é autopoietico, e é autopoietico enquanto é capaz de aprender, sendo assim, fica clara a relação de dependência necessária entre a autonomia e o aspecto cognitivo, sendo assim nos parece impossível que um ser estabeleça uma relação de

autonomia perante algum fenômeno sem que este possa estabelecer uma relação de aprendizado com o fenômeno suposto. Para os autores citados existem duas formas de relações autônomas: uma onde a autonomia é a capacidade de um sistema definir-se a si mesmo, portanto independente do sistema matriz, por outro lado, autonomia é a capacidade de um sistema manter sua viabilidade em ambientes variados e mutantes. Nesta perspectiva, estamos falando do sujeito aprendente, onde as relações estabelecidas com um fenômeno são de interação e não de mera assimilação unidirecional de estímulos.

Assim como Paulo Freire diz em *Pedagogia da Autonomia*, “ensinar não é apenas transferir conhecimentos”, na verdade é muito mais do que isso. Depende acima de tudo que os educandos compreendam o que está sendo ensinado, e que sejam capazes de relacionar o conhecimento aprendido com as suas relações cotidianas, e também relacionar o aprendido em situações diferentes da inicial, desta forma o aprendiz deve ser capaz de realizar uma leitura da realidade e agir de acordo com o que achar ser mais adequado, mas sempre tendo em vista as consequências de seus atos. Porém isto só ainda não basta, além de estabelecer relações conscientes, deve também estar ciente de que o nível de consciência nunca é acabado, pois sempre haverá um nível de maior consciência a ser alcançado, portanto um nível maior de autonomia. Este é o agir individual, ou seja, a autonomia individual, ou do ser, porém não basta que a autonomia seja apenas individual, ela deve ser coletiva. Deve ser coletiva, por que não basta que seja apenas individual, se apenas os indivíduos forem dotados de autonomia, esta, mais cedo ou mais tarde se perderá e novamente teremos uma sociedade onde apenas alguns são realmente autônomos e jamais a sociedade poderá ser autônoma, isso por que não é possível para uma sociedade se tornar autônoma enquanto apenas algumas pessoas forem autônomas.

Tomemos como exemplo a sociedade brasileira, por vezes somos uma sociedade autônoma, pois temos autonomia para escolhermos nossos governantes,

ou seja, nossos representantes, neste ponto todos somos autônomos, mas quando aprofundarmos mais o conhecimento sobre o processo de escolha dos governantes, apenas alguns são autônomos outros são apenas meros reprodutores, no momento em que elegem seus governantes apenas por que alguém lhe disse que tal sujeito é melhor que outro, nesta ocasião, a sociedade que inicialmente pensávamos que fosse autônoma, é apenas uma mera reprodutora da autonomia de alguns. Tomemos por exemplo a empregada de um amigo que tenho, logo após as eleições para presidente, governadores, senadores e deputados, fiz a ela a seguinte pergunta: “Janaína em quem você votou para senador?” Ela respondeu que não sabia o nome do candidato, sabia apenas o número, e que votou na pessoa cujo número é este por indicação do Pastor da sua Igreja. Muito bem, no momento em que esta pessoa tem o direito de escolher seu governante ele é autônoma, mas no momento em que escolhe sem saber quem realmente está escolhendo, ela deixa de ter autonomia, pois fez uma escolha sem ter consciência.

Autonomia, como dito anteriormente, está fortemente ligada à consciência, uma pessoa não pode ser autônoma perante um fenômeno o qual não compreenda, é por isso que dissemos haver níveis de consciência e portanto, de autonomia. O estado de consciência plena, penso ainda ser desconhecido, pois como diz Paulo Freire, estamos em constante processo de ensino-aprendizagem, e portanto em constante evolução do nosso nível de consciência e conseqüentemente autonomia.

É de extrema importância que a sociedade seja autônoma, pois somente desta forma poderá questionar, argumentar e reivindicar por seus direitos, isso de forma que não o faça por influência de terceiros, pois quando isso acontece os interesses que são defendidos são os de outros, e é nesse momento que se quebra com o processo de autonomia.

Mais uma vez acreditamos ser as universidades um dos espaços onde podemos dar início ao processo de emancipação da sociedade, mas somente no momento em que todos puderem ter acesso. Enquanto apenas uma minoria da

nação tiver acesso à universidade, nosso processo de autonomia não terá nem mesmo se iniciado, cabe portanto, a nós, que tivemos a oportunidade de freqüentarmos boas escolas, culminando numa boa universidade, e portanto com um nível de autonomia uma pouco mais elevado que a maioria da sociedade, lutarmos pela construção de uma sociedade mais justa e autônoma, onde todos possam ter acesso à educação de qualidade, e desta forma se tornarem pessoas autônomas, pelo menos no nível de autonomia que conhecemos, e portanto que temos consciência.

3. METODOLOGIA

Segundo Gil (1989), é usual que se faça a classificação de uma pesquisa com base em seus objetivos gerais, desta forma, é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos: as exploratórias, as descritivas e por último as explicativas.

No decorrer da nossa pesquisa, julgamos ser impossível, classificá-la de acordo com apenas uma das três anteriores, uma vez que ela reúne características de duas delas. Desta forma julgamos ser mais adequado classificá-la de descritiva, exploratória.

O presente estudo, como esclarecido no Capítulo 1, tem o objetivo de discutir a relação estabelecida entre a Universidade Federal de Santa Catarina, em especial o Centro de Desportos, desta mesma instituição, com os seus alunos e Vice-versa, tornando-a mais explícita e familiar à toda a comunidade acadêmica, e também ao pesquisador. Desta forma, por reunir tais características, pode ser classificada segundo Gil (1989), de exploratório.

Por outro lado, também pode ser enquadrada na classificação denominada de descritiva, uma vez que tem também o objetivo de descrever as características apresentadas pela população estudada, em relação ao fenômeno proposto.

Este estudo foi dividido em duas etapas: inicialmente foi realizada uma fundamentação teórica, com intuito de se acumular conhecimentos prévios, que dissesse respeito ao fenômeno proposto a ser estudado. Fez-se a opção por esta metodologia, pela necessidade de se ter uma fundamentação teórica que viesse a dar suporte a ótica pela qual se fez a análise e interpretação do problema.

A segunda etapa, foi caracterizada pela aplicação dos questionários (Anexo 1). Os questionários foram aplicados da seguinte forma: A cada pessoa dos respectivos estratos (fase), foi entregue um questionário. Que nos era devolvido quando o pesquisado terminava duas respostas.

3.1. População e Amostra

A amostra participante desta pesquisa foi composta por 200 acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, de um universo de 399 acadêmicos (segundo fonte da coordenação do curso). Optou-se pela utilização de amostra em detrimento a população, uma vez que para a observação completa de um fenômeno necessita-se de uma massa tão grande de dados que dificultaria, assim como também prolongaria em demasia, tanto a coleta de dados, quanto à análise dos dados obtidos, tempo este que não dispomos para a realização de um trabalho como este, principalmente em se tratando de um semestre que ficou prejudicado em virtude da greve realizada pelos Servidores Públicos Federais, de agosto a dezembro de 2001, e que até hoje apresenta reflexos quanto à anormalidade dos semestres subseqüentes à greve. Desta forma o semestre destinado à realização do presente estudo se tornou um tanto atípico, tanto que com isso, o período destinado à realização do estudo foi encurtado.

A tipologia da amostra utilizada na amostragem foi a denominada de Amostra Probabilística Casual Estratificada, neste tipo de amostragem segundo Barros & Lehfeld (1990), os elementos do universo da pesquisa possuem a mesma chance de serem escolhidos. A população é cadastrada e dividida, formando-se extratos baseado em critérios preestabelecidos, no caso deste estudo, que fossem acadêmicos do Curso licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. A população foi dividida de acordo com o semestre de ingresso na universidade, a estes extratos foram aplicados os questionários.

Posteriormente foi escolhida de forma aleatória, uma amostra de cada extrato, estas sub-amostras foram reunidas formando a amostra definitiva. também Foi estabelecido que a amostra definitiva, não deveria ultrapassar o número de 200 elementos, o correspondente a aproximadamente 50% da população. Desta forma tornou-se mais fácil o manuseio e interpretação dos dados obtidos.

3.2. Instrumento utilizado na coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, o qual relacionado com a técnica de pesquisa, exploratória de caráter descritivo explicativo, foi composto por 14 questões, sendo todas abertas, deste modo o participante tinha a oportunidade de realizar comentários a respeito do tema proposto na pergunta. Desta forma poderíamos obter maior qualidade nas respostas apresentadas.

Optou-se pela utilização de questionário, uma vez que segundo Barros & Lehfeld (1990), esta técnica se torna mais valiosa na realização de pesquisas com enfoque mais descritivo.

4. COMPREENSÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Este capítulo se destinará à compreensão e descrição dos dados coletados através dos questionários. Com a intenção de facilitar a compreensão dos mesmos, por parte do leitor, optamos por realizar uma pequena descrição acerca de cada resposta.

4.1. Algumas considerações à respeito da primeira questão: na sua opinião, qual deve ser a função das universidades (em especial a UFSC e o curso de Educação Física)?

Esta primeira questão buscava saber qual a função da universidade na opinião dos acadêmicos. Queríamos saber se para eles a universidade deveria ter obrigações em relação à sociedade ou seria apenas um lugar para se formar profissionais, ou seja, queríamos saber que tipo de produção eles acham que deve acontecer na universidade.

4.1.1. A função da Universidade

A preocupação maior parece estar na formação, para a maioria, o verdadeiro compromisso da universidade deve ser a formação. Desta forma ao ingressar na universidade, há por parte dos alunos uma expectativa muito grande de que sejam formados pela universidade, fica então a cargo da universidade toda e qualquer responsabilidade pela formação do acadêmico. Isto retrata muito bem o que Paulo Freire vem a chamar de “Educação Bancária”, neste modelo educacional os alunos são tratados como *tábulas rasas*, ou seja, muito pouco sabem ou tem a acrescentar à construção do conhecimento, desta forma toda a responsabilidade fica por conta dos professores e das instituições educacionais. As respostas também indicam que o compromisso da universidade está em “formá-los” profissionais aptos para adentrar no mercado de trabalho, esta é uma necessidade imediata, que anteriormente chamamos de exigências do tempo presente. Outra parte acredita ser

dever da universidade oferecer ou propiciar condições para que eles próprios se formem, desta forma, tendo liberdade para que busquem sua própria formação. Também dividem opiniões quanto ao sentido da formação, uns acham que a formação deve ser orientada ao mercado de trabalho, outros acreditam que a formação deve estar orientada as necessidades da sociedade brasileira.

A partir da 6ª fase as opiniões começam a ser um pouco mais variadas, a idéia de formação, ainda muito presente, divide espaço com opiniões como as de orientar e favorecer, desta forma os alunos parecem se sentir mais autônomos para tomarem seus próprios caminhos. Ainda está muito presente a idéia da universidade formar profissionais para o mercado de trabalho, mas também têm preocupação com a função social das universidades.

As respostas vão se diversificando no decorrer do curso. Assuntos relacionados a questões sociais vão ganhando mais importância. As respostas que inicialmente diziam respeito quase que exclusivamente à formação profissional, aos poucos vão mudando. O acadêmico que nas primeiras fases depositava toda a responsabilidade pela sua formação na universidade, vai percebendo que ele próprio também é responsável pela sua formação, vai também percebendo que também deve ter outras preocupações além do êxito no mercado de trabalho.

4.2. Algumas considerações à respeito da segunda questão: o que o levou a escolher o curso de Educação Física?

Esta questão queria saber o que a pessoa considera na hora de escolher um curso superior: se é o campo de atuação profissional, ou o mercado de trabalho, por que se identificam, se é por influências dos familiares ou outras influências.

4.2.1. A escolha pelo curso

Constatamos que a grande maioria dos acadêmicos optou pelo curso de Educação Física, pelas experiências prazerosas que tiveram com esta área durante a vida, ou seja, uns porque gostavam de esportes, outros por serem atletas ou ex-

atletas, outros, pela dança e, também, outros por considerarem ser a Educação Física uma área bastante promissora.

No entanto, ao longo do curso, os acadêmicos tiveram suas opiniões mudadas em relação a ele. Muitos acreditavam tratar a Educação Física, apenas de esportes, ou atividades físicas, mas no decorrer do curso, puderam perceber que não se tratava apenas disso. Perceberam que, antes de mais nada, o curso era destinado à formação de educadores, que pudessem ter nas suas ações, sempre uma intenção pedagógica. Perceberam, também, a complexidade de compreender o movimento humano, em outras dimensões, significados e entender, que por trás deste, sempre haveria uma cultura e uma individualidade que não poderíamos desprezar.

A preocupação com o campo de trabalho também esteve presente, pois muitos disseram ser uma área promissora, deixando claro que as exigências do tempo presente, mais uma vez, recaem sobre o êxito no mercado de trabalho, sendo sinônimo deste êxito a recompensa financeira.

4.3. Algumas considerações à respeito da terceira questão: as expectativas que você tinha em relação à universidade e ao curso de Educação Física são confirmadas, superadas, ou são abaixo do esperado? Explique.

Muitas expectativas são criadas em relação à universidade, muitos sonhos são baseados na universidade. Com base nisso, queríamos saber se estes sonhos e expectativas estão sendo correspondidos pela universidade. Caso isso não acontecesse, quais seriam os motivos.

4.3.1. Expectativas universitárias

Para grande parte dos acadêmicos que se encontram nas fases iniciais, consideraram ainda um pouco cedo para opinarem mais profundamente. Porém,

muitos afirmaram que suas expectativas são superadas, já que há bons professores, assim como as instalações e as aulas são muito interessantes. Já os que disseram estarem decepcionados, respondem que muitos professores deixam a desejar, pois as aulas não fogem em nada aos moldes tradicionais. Também disseram que o currículo apresenta sérios problemas, aspecto este que vem sendo constantemente discutido, como dito por Pires e Oliveira (2002). Também existem os que dizem terem tido suas expectativas superadas, pois através do curso puderam entrar em contato com experiências enriquecedoras; puderam perceber que a Educação Física vai muito além dos esportes; pelo fato de existirem muitos Núcleos de Estudos que possibilitam muitas oportunidades e pelo fato dos professores serem muito competentes.

O acesso às bibliografias também foi um fator de decepção para alguns alunos. O consideram muito restrito, assim como as oportunidades às atividades extra-classe que são oferecidas pela universidade. Outros, porém, afirmaram que as atividades extra-classe são bastante variadas e muito democráticas, o que, segundo eles, é um fator que veio a superar suas expectativas.

Um acadêmico afirmou ter suas expectativas frustradas em razão da turma. Segundo ele, a turma é muito descompromissada com os assuntos acadêmicos, chegando até mesmo a prejudicar o andamento das aulas e a participação dos colegas que se mostram mais interessados.

Nas fases finais, grande parte dos alunos parece ter suas expectativas superadas, se surpreendem pelos esclarecimentos e visão crítica da realidade que desenvolveram ao longo do curso, parecem se sentir mais autônomo em relação às suas próprias ações e seus conhecimentos.

4.4. Algumas considerações à respeito da quarta questão: você acha que a universidade e o curso de Educação Física estão contribuindo para que você possa obter êxito no mercado de trabalho? Explique.

Sendo uma das funções da universidade proporcionar aos acadêmicos oportunidades para se tornarem bons profissionais e, conseqüentemente, poder obter êxito no mercado de trabalho, gostaríamos de saber se eles percebem que a universidade está lhe proporcionando condições para isso.

4.4.1. Êxito e mercado de trabalho

Quando questionados sobre êxito no mercado de trabalho, muitos acadêmicos ainda não se sentem à vontade para responder, principalmente os das fases iniciais. Para alguns, o simples fato de se ter um diploma de nível superior já ajuda muito, ainda mais quando se trata de um diploma oriundo de uma Universidade Federal. Outros dizem que a universidade contribui, no momento que oferece oportunidades para o crescimento profissional como: projetos de extensão, bolsas de pesquisa e núcleos de estudos, ampliando sua visão e conhecimento. Há, também, os que pensam que a universidade em nada contribui, uma vez que os conhecimentos produzidos por ela estão muito distantes da realidade.

Outros consideram que isso depende mais de cada um do que da própria universidade. Outros, apesar de acharem que a universidade contribui, fazem restrições, pois consideram que a UFSC somente ajuda se o acadêmico estiver interesse em trabalhar em escolas, uma vez que o curso de Educação Física oferecido é de licenciatura. Nas fases finais, as respostas são um pouco mais criteriosas: reconhecem que foi através da universidade que tiveram a oportunidade de ter suas ideologias mudadas; aprenderam a ser mais autônomos; críticos e ter mais iniciativa; perceberam melhoras nas suas capacidade de comunicação; tiveram sua visão ampliada e puderam obter mais estímulos e conhecimentos.

4.5. Algumas considerações à respeito da quinta questão: você está aproveitando as oportunidades que lhe são oferecidas durante sua formação acadêmica para que você possa obter êxito no mercado de trabalho? Explique.

Uma vez que esperávamos que as oportunidades para se obter êxito no mercado de trabalhos fossem oferecidas, gostaríamos de saber qual era o comportamento dos acadêmicos diante destas oportunidades.

4.5.1. Proveito das oportunidades

Principalmente para os acadêmicos das fases iniciais, ainda se faz necessário conhecer e saber mais, quais são e como se faz para poder usufruir destas oportunidades. Alguns disseram que mesmo assim, aproveitaram as oportunidades que lhes foram oferecidas.

Citam como oportunidades encontradas: a participação em como: congressos, simpósio e palestras; a participação em projetos de extensão e realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisas.

Para alguns acadêmicos, as oportunidades são muito poucas e também muito seletivas, o que dificulta o aproveitamento. Outros disseram não ter tempo disponível no momento, mas que pretendem aproveitá-las futuramente. Para outros, entretanto, as oportunidades não compensam, uma vez que nos projetos de extensão a remuneração é muito baixa. Em contra partida, outros destacam que a participação nos projetos proporciona muita experiência, por este motivo acham importante se inserirem neles.

4.6. Algumas considerações à respeito da sexta questão: você está envolvido com algum projeto oferecido pela UFSC, como Núcleos de estudos, monitorias, bolsas de pesquisa, extensão, etc.?

A. Sim () Não ()

B. Qual ou quais?**C. Por que você participa ou não destes projetos? Explique**

Consideramos que uma grande oportunidade de crescimento pessoal e também profissional são as atividades que são oferecidas aos acadêmicos. Da mesma forma, acreditamos que a participação nestas atividades demonstra o interesse, ou a disponibilidade, ou a possibilidade que ele tem ou pode ou quer.

4.6.1. Participação, envolvimento com projetos universitários

Os acadêmicos das fases iniciais, principalmente, não participam de nenhum projeto oferecido pela universidade, devido a pouca experiência que têm. Muitos disseram não ter conhecimento ainda de todos, não saberem como proceder para poder participar e que a universidade não divulga corretamente os seus projetos.

Nas fases mais adiantadas, a participação é mais efetiva, porém muitos acadêmicos também não participam de nada, dizendo que não lhes foram oferecidas oportunidades, outros por falta de interesse, de tempo ou, ainda, porque a remuneração é muito baixa. Entretanto, alguns participam, justamente, por afirmarem necessitar do dinheiro da bolsa para poder se manter na universidade. Para os que participam, esta é uma ótima oportunidade para adquirir experiência e novos conhecimentos, o que futuramente o ajudará a obter um lugar mais qualificado no mercado de trabalho e uma melhor formação acadêmica e profissional.

4.7. Algumas considerações à respeito da sétima questão:

diariamente, quantas horas você passa na UFSC (sem contar as horas em que você está em aula). Por que?

Como e quanto tempo se dedica à universidade é importante para compreendermos o que mais lhe agrada, satisfaz na comunidade universitária e mais uma vez contribuirmos com a melhoria da e na universidade.

4.7.1. Tempo e espaço

À medida que os acadêmicos vão avançando nas fases, vai crescendo um pouco mais o seu envolvimento com o ambiente universitário. São muitos os envolvidos com projetos e bolsas, outros afirmam ficar em média 5 horas por dia nas dependências da universidade (sem contar as horas em que estão em aulas), mesmo os que não estão envolvidos com nenhum projeto, bolsa, ou núcleo. Permanecem nas dependências da universidade por mais tempo, também aqueles que fazem uso dos laboratórios, bibliotecas e atividades extra-classe, como: esportes, inglês e outros. No entanto, há, também, os acadêmicos que não podem disponibilizar de mais tempo à ela, devido ao fato de ter que trabalhar.

4.8. Algumas considerações a respeito da oitava questão: você participa de eventos extra-classe, como por exemplo, cursos, congressos, simpósios, palestras, etc.? Sim () Não () Com que frequência?

Acreditamos que a universidade não pode, sozinha, oferecer tudo o que o acadêmico necessita para seu melhor desenvolvimento, assim sendo, acreditamos que o acadêmico pode procurar outras formas na aquisição de conhecimentos e experiências. Por esta razão gostaríamos de saber de que forma eles compreendem esta limitação da universidade e sua também.

4.8.1. participação em eventos extra-classe

A maioria dos acadêmicos disse já ter tido a oportunidade de participar de algum tipo de evento extra-classe, como: congressos, simpósios e palestras. Consideram que esta é uma excelente oportunidade para melhorar sua formação profissional, acadêmica e cultural. Também é uma oportunidade para enriquecer seus conhecimentos, por estarem em contato com temas mais diversificados

Acham importante a troca de informações que acontece nestes eventos, pois complementam a sua formação, é um momento ideal para socializarem o

conhecimento produzido e de reciclagem profissional. Apesar disto, acham que alguns eventos são caros.

Há outros que disseram não terem tido oportunidade de participar, por não possuírem tempo disponível e, ainda, aqueles que não se interessam por eventos deste tipo.

4.9. Algumas considerações à respeito da nona questão: você acha que a universidade além de propiciar a formação destinada ao mercado de trabalho deve propiciar outro tipo de formação? Quais? Explique.

Acreditamos que a universidade não deve restringir seus ensinamentos apenas para atender ao mercado de trabalho, mas, também refletí-lo. Desta forma, gostaríamos de saber o que os acadêmicos pensam sobre isto.

4.9.1. formação e mercado de trabalho

Para grande parte dos acadêmicos, muitas coisas envolvem a formação profissional. Uma parcela parece estar preocupada com os deveres e direitos sociais que os acadêmicos devam adquirir. Para eles, a preocupação com as comunidades carentes deve sempre ser uma prioridade da universidade. O desenvolvimento do caráter e da ética também preocupam.

A formação cultural também é citada como importante, se referindo à perda cultural que a sociedade vem sofrendo com o processo de globalização. Outra preocupação da universidade, deveria ser com a independência dos seus alunos, porque, segundo eles, os futuros profissionais devem ser capazes de criar novas coisas, novos conhecimentos e não apenas reproduzirem. Para outros, apenas a formação destinada ao mercado de trabalho deve ser proporcionada.

4.10. Algumas considerações à respeito da décima questão: você acha que a universidade oferece oportunidades para seu crescimento pessoal?

Explique.

Acreditamos que o crescimento pessoal se constitui elemento da formação que a universidade deve propiciar aos seus acadêmicos. Desta forma, queríamos saber se eles acham isto acontece, e caso ocorra, de que forma isto se dá.

4.10.1. crescimento pessoal

Quando questionados sobre a contribuição da universidade para o seu crescimento pessoal, a grande maioria acha que sim, que ela amplia a visão e o conhecimento, além de despertar o senso crítico. Outro fator que os acadêmicos consideram bastante enriquecedor é a oportunidade que têm de conhecer muitas pessoas de diferentes lugares, entrando em contato com outras culturas. A universidade também oferece atividades culturais e esportivas, o que segundo eles, contribui para o crescimento pessoal.

Por proporcionar uma interação muito grande com outras pessoas, coloca seus alunos em constante crescimento, e assim, aprendem a ser mais humanos, autônomos e independentes.

Os temas que são discutidos na universidade também são oportunidades de crescimento, pois tomam mais consciência da realidade social. Segundo eles, outra forma de crescimento pessoal são as atividades extra-classe que a universidade oferece, com os núcleos de estudos e os projetos de extensão. Através deles passam a ter mais contato com a comunidade e também com os professores, tornando um processo extremamente enriquecedor. Proporciona, também, a possibilidade de se por em prática o que se está aprendendo, o que lhes aproxima da realidade que existe fora da universidade.

4.11. Algumas considerações à respeito da décima primeira questão: e você, aproveita estas oportunidades que lhe são oferecidas (para seu crescimento pessoal)? Explique.

Uma vez que estas oportunidades são oferecidas, gostaríamos de saber de que forma os acadêmicos aproveitam ou não estas oportunidades.

4.11.1. proveito das oportunidades

Os acadêmicos parecem muito interessados à respeito das oportunidades que lhe são oferecidas para seu crescimento pessoal. Para eles, uma forma de aproveitá-las, é participando ativamente das aulas e expondo seu ponto de vista nas discussões que são propostas. Outra forma, é participar das atividades extra-classe oferecidas pela universidade. Também acham que a cada dia há um crescimento. Na verdade, eles acham que este crescimento se dá de “forma natural”, pois, mesmo que a pessoa não se esforce muito, isto acontece. Para eles este crescimento é fruto do convívio diário com os professores e os outros acadêmicos do curso. Relatam que, após ingressarem na universidade passaram a ser menos alienados, passando a compreender melhor o processo político -ideológico que se faz presente na sociedade brasileira. Também se sentem mais capazes de compreender e respeitar as diferenças e a dar mais valor ao que possuem.

Para alguns acadêmicos, porém, fica difícil ter um crescimento pessoal na universidade, pois as oportunidades são muito poucas e além do mais, a prioridade na universidade não deve ser o crescimento pessoal, mas sim a produção de conhecimento. Há ainda, aqueles que dizem não aproveitar as oportunidades oferecidas por falta de tempo, outros, futuramente irão aproveitar, e por ultimo existem os que dizem que a universidade não oferece nenhuma oportunidade de crescimento pessoal.

4.12. Algumas considerações à respeito da décima segunda questão: você de alguma forma contribui para que a universidade ofereça estas oportunidades?

A décima segunda questão queria saber quanto à participação dos acadêmicos no sentido instigativo, ou seja, desta vez não queríamos saber se ele estava aproveitando as oportunidade que a universidade oferece, mas sim se ele próprio, de alguma forma, possibilita que estas oportunidades sejam oferecidas, deixando, assim, a condição de meros espectadores e adotando uma postura mais participativa.

4.12.1. construindo oportunidades

Para os acadêmicos das fases iniciais, esta questão ainda é um pouco abstrata, pois à medida que não conhecem muito bem o ambiente universitário, fica difícil contribuir. Mesmo assim, alguns afirmam que desde já estão contribuindo, porém não disseram com que, em que^{1,1}

Para os acadêmicos das fases mais adiantadas, a maneira encontrada para ajudar, é participando das oportunidades já oferecidas, pois desta forma acreditam estar estimulando a universidade a oferecer outras atividades. Outra, é através do convívio diário com outros alunos e professores, pois desta forma, acreditam estar proporcionando uma troca de experiência com outras pessoas, que é enriquecedora para ambos os lados.

Alguns acadêmicos assumiram uma postura mais participativa, afirmaram já ter participado de grupos que organizaram ou organizam eventos destinados à comunidade acadêmica.

¹ Esta é uma limitação técnica-metodológica do instrumento “questionário” utilizado para a obtenção das informações, que não permitiu melhor compreensão das respostas.

Há também os que acreditam que esta não é uma obrigação dos acadêmicos, mas sim da universidade, desta forma, acreditam estar isentos desta responsabilidade. Por último, há aqueles que afirmaram não contribuir em nada, por não disporem de tempo e/ou dinheiro.

4.13. Algumas considerações à respeito da décima terceira questão: você acha que a formação oferecida pela universidade o capacita a identificar e intervir nas carências sociais? Explique.

No nosso entender, a universidade somente tem razão de existir se tiver sua produção voltada ao bem da sociedade, que todo conhecimento produzido somente tem valor, se puder ser usado em prol dela. Principalmente as universidades públicas, como é o caso da UFSC. Estas universidades são financiadas pela população, por esta razão, acredito estarmos em débito com a sociedade. É verdade que nós, enquanto membros da sociedade, também pagamos impostos e é nosso direito receber educação gratuita e de qualidade, e dever do Estado oferecê-la. Com base nestes aspectos, esta questão visa saber se a universidade, de fato, está contribuindo para a melhoria da sociedade, uma vez que acreditamos ser esta uma das funções primordiais das universidades.

4.13.1. carências sociais

Para os acadêmicos das fases iniciais, apesar do pouco convívio que tiveram com os assuntos universitários, puderam perceber que grande parte do ensino oferecido pela UFSC é voltado para o bem da sociedade. Para eles, há muitos projetos que são voltados à sociedade, assim como muitas disciplinas, que tentam trazer até os acadêmicos a realidade social.

Para os que estão em fases mais adiantadas, a universidade contribui muito para que o aluno possa compreender melhor o que acontece na sociedade. Ainda mais porque o curso é voltado para a formação de professores, uma profissão que

exerce muita influência sobre a sociedade, tendo mais facilidade para estar em contato com os problemas sociais. Também, as discussões que são realizadas em sala de aula, muitas vezes, procuram discutir a sociedade, o que tem contribuído muito para que tenham uma posição mais crítica e esclarecida sobre os problemas sociais.

Para outros, a universidade tem a capacidade de estimular o estudante a se tornar mais crítico e desta forma compreender melhor o funcionamento da sociedade e assim questioná-la, ou seja, se pode juntar o conhecimento aprendido na universidade, a força de vontade de cada um e certamente há maiores possibilidades de se identificar e intervir nas carências sociais. Por outro lado há os que não concordam com estas afirmações, para eles a formação que temos na universidade é muito mais profissionalizante do que orientada às carências sociais. Além do mais, segundo alguns, a universidade muito pouco pode contribuir para que os alunos possam identificar ou intervir nas carências sociais, uma vez que ela não aproxima os estudantes da realidade social.

4.14. Algumas considerações à respeito da décima quarta questão: uma vez sendo capaz de identificar as carências sociais, você se sente responsável a dar sua contribuição à sociedade? Explique.

Como muito bem expressado na questão anterior, os acadêmicos deixam claro que, o fato de uma pessoa ser capaz de identificar as carências sociais não a obriga a apresentar alguma forma de intervenção, isso vai depender do quanto ela se sente responsável e disposta a oferecê-la. Desta forma queremos saber se, uma vez que os acadêmicos são capazes de identificar as carências sociais, qual seria sua atitude diante da realidade identificada. Se sentem responsáveis ou não.

4.14.1 contribuições à sociedade

A grande maioria, dos acadêmicos das fases iniciais, se sente obrigado a dar, de alguma forma, sua contribuição para a melhoria da sociedade, portanto não

mostraram saber ao certo como fariam isso. Reconhecem que estudam numa universidade pública e, portanto, financiada pela sociedade. Reconhecem também, que a universidade deixa as pessoas mais críticas e, portanto capazes de compreender melhor a realidade social. Compreendem que se todos fizessem uma pequena parte, uma grande mudança poderia ocorrer, mas mesmo assim não apontaram formas de contribuição.

A situação não muda muito nas fases mais adiantadas. Os acadêmicos também não se mostraram muito seguros de como poderiam ajudar a sociedade, apesar da grande maioria se sentir responsável com esta contribuição. Acreditam que, assim como eles tiveram a oportunidade de estudar, outras pessoas também devam ter. Acrescentam que, pelo fato de serem futuros educadores, têm a responsabilidade para contribuir para a melhoria da sociedade, através da educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito bem! Confesso que chegamos a este momento com mais dúvidas do que tínhamos, quando iniciamos este estudo. Mesmo assim, é duplamente gratificante destacar aqui elementos que possibilitam refletir o currículo, neste caso, da Educação Física e, conseqüentemente, a Universidade. Ainda não temos respostas para muitos questionamentos que surgiram, pois a limitação do tempo e do próprio pesquisador, inviabilizam, nestas circunstâncias, apresentar análises, interpretações mais profundas. Entretanto, fica evidenciado o quanto crescemos no decorrer destes meses, conseguimos respostas para muitos e ainda conseguimos compreender a existência de outros, o que anteriormente não nos era possível e que a partir de agora nos despertou novas áreas para possíveis descobertas. Desta forma, acreditamos ter o nosso crescimento de compreensão da realidade e, portanto, também, o nosso crescimento de consciência, um pouco mais apurados.

Para que pudéssemos iniciar o presente estudo, fizemos opção por tentar relacionar alguns temas que julgamos de extrema importância para o melhor desenvolvimento de formação acadêmica e, também, da sociedade como um todo, através dos valores que achamos serem prioritários para a construção de uma sociedade mais justa e harmônica. Os temas escolhidos foram discutidos no decorrer do estudo e foram eles: Educação Física, o mercado de trabalho, a formação acadêmica, o mundo da vida e as exigências do tempo presente. Optamos pela aplicação de um questionário, para que pudéssemos saber se o curso de Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina, consideram estes temas e valores também importantes, como são para nós. O primeiro questionamento visava saber a função das universidades. Na nossa compreensão as universidades são de extrema importância para país, pois são nas universidades onde as pessoas encontram a oportunidade de se tornarem pessoas mais capacitadas, críticas e autônomas, e assim poder realizar as necessárias

intervenções na sociedade nas áreas nas quais são habilitadas. Uma sociedade é constituída pelas individualidades e potencialidades de seus cidadãos, que somadas dão origem ao que conhecemos por sociedade. Porém, a capacitação que as pessoas buscam não deve ser apenas técnica ou científica, deve também ser constituída por valores morais, sociais, humanos, éticos que a pessoa carrega por toda a sua vida, tendo-as como base para as suas ações. Por esta razão é de extrema importância que estes valores sejam orientados para o bem. O bem da sociedade, não apenas o bem individual.

Estes valores não podem ser impostos pela universidade, devem ser por ela oferecidos, e também exigidos pelos acadêmicos, que juntos venham a lapidá-los, para que possam ser usados em prol da sociedade. A universidade também deve ser um lugar onde o conhecimento seja universalizado, conhecimento este que deve ser produzido sempre em prol da sociedade. Também deve ser dever da universidade proporcionar condições que seus estudantes se tornem autônomos. E o mercado de trabalho? Ora, preparar o estudante para ele também deve ser uma função da universidade, mas esta é uma função secundária, pois segundo estatísticas da UNESCO (2000), aproximadamente 9,0% dos brasileiros atingem a universidade, porém se a universidade se prestasse apenas a preparar o estudante para o mercado de trabalho, atenderia diretamente apenas 9,0% da população, um valor irrisório.

Para a maioria dos acadêmicos, a função das universidades deve ser “formar” profissionais que atendam as exigências do mercado de trabalho. Este é um fato muito preocupante, pois como dito anteriormente, se a universidade se prestar apenas à atender estas exigências, ela estaria atendendo aproximadamente apenas 9,0% da população brasileira. Como se não bastasse esse valor ser irrisório, outro fator nos preocupa bastante, é a expectativa que os acadêmicos têm em ser “formados” ao ingressarem na universidade. Desta forma estabelecem uma relação unidirecional com a universidade, onde apenas ela é responsável pelo aprendizado

dos acadêmicos, e os próprios acadêmicos ficam isentos desta responsabilidade. Para Paulo Freire, assim como para muitos outros educadores respeitados em âmbito nacional e internacional, esta relação de aprendizado não pode existir, uma vez que não pode existir ensino sem aprendizado, docência sem discência, pois o processo educacional jamais pode ser uma “via de mão única”, pois sempre, ambas as partes, têm conhecimentos e experiências para oferecer uns aos outros, portanto o processo educacional deve ser constituído por trocas de experiências. Neste processo as instituições educacionais devem servir de mediadoras do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem, priorizando, com isso, a autonomia dos aprendizes.

Por outro lado, as respostas dos acadêmicos nos deixaram muito satisfeitos, pois mostraram uma evolução qualitativa à medida que iam aprofundando seus estudos acadêmicos. Grande parte dos acadêmicos das fases mais adiantadas já eram capazes de identificar a obrigação da universidade com a sociedade e a autonomia de seus estudantes, desta forma passaram a se preocupar mais com aspectos sociais e com a sua própria autonomia, demonstrado através das respostas, isto é, já se sentem mais autônomos, ativos e, portanto abandonado à posição de expectativa em relação à ela.

Outra maneira de avaliar a autonomia dos acadêmicos, é observando o grau de envolvimento que eles demonstram em relação à universidade. O grau de envolvimento é bastante diferente entre os acadêmicos, à medida que avançam nas fases. O grau de envolvimento aumenta, pois com o tempo vão adquirindo maior familiaridade com os assuntos acadêmicos, facilitando desta forma o seu envolvimento. No entanto, não é a familiarização que possuem com a universidade que determina o seu envolvimento, mas, também, o interesse que demonstram em relação aos assuntos acadêmicos, sociais, científicos. Muitos se envolvem mais, por terem mais interesse, tempo, o que não acontecem com outros tantos.

O que nos preocupa é por quê os acadêmicos se interessam ou não. Pode ser em razão de características próprias, que os tornam mais motivados ou desmotivados ou ainda por uma razão externa. Neste caso a razão externa pode ser a própria universidade que não oferece estímulos suficientemente corretos para despertar os interesses de seus acadêmicos. Qualquer que seja o motivo do desestímulo do estudante, a universidade deve tentar descobrir uma forma de estimulá-lo, pois desta forma estará contribuindo para um melhor desenvolvimento dos seus acadêmicos. Porém, o desestímulo que muitos acadêmicos apresentam também é um problema sério, acredito que este problema esteja na educação que receberam em suas escolas. Todos sabemos que na maioria das vezes as escolas tratam os alunos como “tábulas rasas”, condicionando-os a sempre adotar uma postura de espera e retaguarda, não sendo capazes de apresentar iniciativas próprias. Muitas escolas chegam ao ponto de serem até mesmo domesticadoras, no momento em que estabelecem horários, regras, comportamentos, conhecimentos e espaços homogeneizados para todos e tudo. Nenhum espaço é dado para que os alunos possam ter suas próprias criações e estimularem sua criatividade. Este é um processo vicioso, desta forma os estudantes acostumam com o processo e se tornam dependentes, e isso acaba se repetindo na universidade. Devemos considerar, principalmente, que fatores econômicos, de sobrevivência para morarem e estudarem aqui, é um ou o maior limite de muitas participações na vida da universidade. O tempo e espaço para ampliar seus horizontes de conhecimento e experiências, são tomados por esta sua condição financeira.

Os que conseguem viver sem este problema, diríamos que em sua grande maioria, conseguem romper com o processo de dependência, acima citado, se tornando pessoas extremamente ativas e participativas, ou seja, envolvendo-se com projetos de danças e alguns esportes; com bolsas de monitoria, estágios, palestras entre outros. Porém com estes acadêmicos não temos muito com que nos preocupar, devemos sim, nos preocupar com aqueles que, com todas as condições

econômicas, por exemplo, não demonstraram ser suficientemente autônomos para ter suas próprias iniciativas. Só conseguiremos mudar este quadro através de uma educação de base, que seja mais problematizadora e leve o estudante a maior criticidade e autonomia.

Justamente pela relação unilateral que muitos acadêmicos estabelecem com a universidade, eles afirmam se sentir decepcionados em relação às expectativas que tinham em relação ao curso e à universidade. Uma grande parte afirma que a razão pela qual se sentem decepcionados é pela baixa qualidade dos professores, e de fato isto pode ser verdadeiro, portanto não podemos esquecer que na universidade os professores esperam mais responsabilidades dos estudantes, deixando-os “mais livres” para que façam suas próprias escolhas, descobertas e criações. Por sua vez, os estudantes não estão familiarizados com esta postura por parte de alguns professores - já que na sua maioria, muitos adotam características de um ensino centralizado no seu conhecimento, adotando posturas autoritárias, não contextualizando, problematizando os conteúdos trazidos em sala -, e se sentem um pouco desamparados, e acabam assumindo uma atitude de desinteresse.

Em contrapartida, há os que sentem necessidade de serem cobrados nas atividades propostas, porém isto não acontece porque os professores não destinam a atenção a eles, o que os tornam negligentes com suas obrigações.

Esta “liberdade” , características de propostas pedagógicas críticas, que buscam desenvolver nos estudantes comportamentos autônomos é, portanto, muitas vezes confundida por parte dos alunos como uma ausência de proposta pedagógica ou ainda de desinteresse dos professores.

No que diz respeito às exigências do mercado de trabalho, a maioria concorda que a universidade contribui, uma vez que os colocam em contato com novos conhecimentos e experiências trazidos por outras pessoas ou oferecidos por ela própria, mas afirmam que, também depende dos interesses dos estudantes. Isto é muito positivo, uma vez que percebem a importância de se tornarem pessoas mais

críticas e autônomas, pois de nada adiantaria terem conhecimento desta necessidade, se não apresentarem uma mudança de comportamento.

Porém uma grande parcela dos estudantes acredita que a universidade em nada pode contribuir ou somente contribui porque lhes oferece um diploma, e justamente por isso é que contribui para que possam ter êxito no mercado de trabalho. Neste caso estão novamente assumindo uma postura de dependência, não conseguem apresentar atitudes autônomas, além disso, estão confundindo habilitação com capacitação, pois acreditam que uma vez estando habilitados a adentrarem ao mercado de trabalho na profissão escolhida, estão também capacitados a desenvolverem sua profissão com competência. Isso não é verdade, o diploma, por ser um documento, apenas habilita o profissional a poder exercer sua profissão, porém não lhe dá o poder de capacidade à ninguém. O processo de capacitação é um conjunto de relações que o estudante, envolvido nela, estabelece com a instituição, professores, colegas, culturas, etc. Este parece ser uma grande dificuldade de entendimento apresentada por grande parte dos estudantes, que é fruto, como já dito, também, do sistema educacional vigente no país.

Outra grande preocupação curricular é com a grade de disciplinas, considerando-a muito mal elaborada e ultrapassada. Esta deficiência, segundo Pires (2002), não é exclusividade da UFSC, pois acontece com a maioria dos cursos de Educação Física do país. Esta deficiência já era esperada, tanto que realizamos uma consistente discussão a este respeito no segundo capítulo. Espera-se que, com este nosso trabalho, medidas sejam tomadas com o intuito de solucioná-las.

Como dito anteriormente, estamos convictos de que a universidade também deve propiciar a seus estudantes uma formação mais ampla e que priorize a formação do estudante enquanto Ser Humano, possibilitando portanto o crescimentos pessoal dos estudantes. Neste sentido, a grande parte dos alunos concorda que este crescimento ocorre na universidade e que, além do mercado de trabalho deve propiciar outro tipo de formação, preocupada com aspectos sociais.

Esta observação dos acadêmicos, nos deixa muito satisfeitos e esperançosos, pois através delas, demonstram estar se tornando pessoas mais conscientes, competentes, autônomas e críticas, requisitos indispensáveis para a construção de uma sociedade mais justa e que se organize de forma a priorizar mais os direitos humanos.

Por fim, vamos destacar a participação dos estudantes nos eventos, projetos, atividades extra-classe, enfim, todas as possibilidades de participação na universidade. Muito bem, ela é variada e muitos participam de projetos de extensão, bolsas de monitoria, congressos, palestras, atividades culturais, entre outras. Os estudantes que se envolvem com algum projeto que for, sempre terá a oportunidade de ter um crescimento, uma capacitação que implicam em dar mais elementos para que ele possa enfrentar o mercado de trabalho, que possa contribuir nas soluções dos problemas sociais, etc. Uma outra observação muito interessante que podemos realizar foi à forma como os estudantes se relacionam com o tempo. Muitos afirmaram não poder usufruir as oportunidades que a universidade oferece por falta de tempo. Esta relação com o tempo é bastante interessante. Atualmente o tempo é sinônimo de dinheiro, portanto da mesma forma que não se deve desperdiçar dinheiro, não se pode desperdiçar tempo, as pessoas estão cada vez mais realizando as suas atividades no menor tempo possível, isso se deve às necessidades surgidas com o homem moderno. Estas necessidades são chamados por Laïdi (2000), de as “exigências do Tempo-presente”, e são fruto da nova condição de relacionamento do homem com o tempo. No Tempo-Presente, Tempos Modernos, para Charles Chaplin, não pode mais existir tempo ocioso, porque tempo é dinheiro, é capital. Entretanto, este mesmo capital, exige, sutilmente, que este tempo “ociosao” exista, pois é ele que cria condições de reposição de energias para que possa render o máximo possível e, conseqüentemente, vir a produzir mais, em menor tempo.

Esta forma de relacionamento do homem moderno com o tempo, modificou muito as relações humanas, os pais não possuem mais tempo para dedicarem a seus filhos, os filhos a seus pais, as pessoas à natureza, por ex. Este fato contrasta com o advento do que Assmann (1998) chama de novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), pois elas surgiram com intuito de que o homem moderno pudesse produzir mais, em menor tempo e com o mínimo dispêndio de energia, portanto estas novas tecnologias na verdade são economizadoras de tempo. Desta forma, pressupõe-se que o homem tenha cada vez mais tempo disponível, mas não é isso que ocorre, pois ele já está condicionado a não ter tempo livre, pois isto implica em não ser tempo produtivo.

Estas tecnologias geram conseqüências na vida dos estudantes, pois como vimos, muitos não têm tempo para ampliar, vivenciar, experienciar, participar da vida universitária e tudo o que a envolve, justamente, porque precisam, necessitam trabalhar pela sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- Assmann, H. **Metáforas novas para reencantar a Educação; epistemologia e didática**. 2.ed. Piracicaba : Ed. Unimep, 1998.
- Assmann, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 5 ed. Petrópolis : Ed. Vozes, 2001.
- Barros, A. J. P, Lehfeld, N. A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 11.ed. Petrópolis : Ed. Vozes, 1990.
- Freire, P. **Pedagogia da autonomia**. __.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.
- Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2 ed. São Paulo : Ed. Atlas, 1989.
- Kunz, E. (Org.). **Didática da Educação Física 1**. 1 ed. Ijuí : Unijuí Ed., 1998.
- Kunz, E. (Org.). **Didática da Educação Física 2**. 1.ed. Ijuí : Unijuí Ed., 2002.
- Kunz, E. **Educação Física: ensino e mudanças**. 2 ed. Ijuí : Unijuí Ed., 2001.
- Laïdi, Z. **A chegada do Homem – Presente ou da nova condição do tempo**. __.ed. Rio de Lisboa : Instituto Piaget, 2000.
- Lima, L. M. de. **A ação educativa dos professores de Educação Física: teoria e prática**. Pensar a Prática, Goiás, v. 4, n. __, p. 46 – 66, jul./jun. 2000/2001.
- Oliveira, C. B. de. **Aproximações exploratórias sobre educação, Educação Física e sociedade: advesidades de um currículo**. Pensar a Prática, Goiás, v. 4, n. __, p. 99 – 114, jul./jun. 2000/2001.
- Pires, G. de L, Oliveira, C. A. D. de. **Currículo e formação em educação física e a semicultura de movimento: apontamentos preliminares**. In: CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO DA FIEP-UNIMEP, 2., 2002, Piracicaba. Anais... Piracicaba: UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba, 2002. p. 286 -291.

Ventura, P. R. V. **Currículo e prática pedagógica em Educação Física.** Pensar a Prática, Goiás, v. 4, n. __, p. 67 – 80, jul./jun. 2000/2001.

ANEXOS